

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Campus II

CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

PROFESSOR DA PRÁTICA DE ENSINO: Alarcon Agra do Ó
ORIENTADORA DO RELATÓRIO: Eronides Câmara Donato

Relatório da Prática de Ensino
Semestre 2000.2

Aída Célia Azevedo Costa

Campina Grande – PB, 27 de Abril de 2001

Dedicatória

Passados cinco anos de vivência acadêmica, é chegada a hora de relembrar personagens inesquecíveis dessa trajetória.

Dedico este trabalho, primeiramente, a minha mãe Creocí a quem jamais poderei recompensar por tamanha determinação e cumplicidade; Aos demais familiares pela atenção despensada; À Marilda, minha irmã, e incentivadora; A todos os amigos pelo apoio e companheirismo, em especial a Jailma maior responsável por meu ingresso no curso, e Josmara minha alma gêmea; A Alberto, Meu noivo e maior exemplo de compreensão e persistência; A todos os professores que muito ou pouco contribuíram na minha formação profissional.

Dedico este trabalho, principalmente, a Socorro Rangel, profissional que sempre admirei por sua competência, dedicação, determinação e empenho. A você querida professora, meu agradecimento por ter-me ensinado a ousar e a lutar por meus ideais.

SER JOVEM

"A juventude não é um período da vida; ela é um estado de espírito, um efeito da vontade, uma qualidade da imaginação, uma intensidade emotiva, uma vitória da coragem sobre a timidez, do gosto da aventura sobre o amor ao conforto.

Não é por termos vivido um certo número de anos que envelhecemos; envelhecemos por que abandonamos o nosso ideal.

Os anos enrugam o rosto; renunciar ao ideal enruga a alma. As preocupações, as dúvidas, os temores e os desesperos são os inimigos que lentamente nos inclinam para a terra e nos tornam pó antes da morte.

Jovem é aquele que se admira, que se maravilha e pergunta, como a criança insaciável; e depois? que desafia os conhecimentos e encontra alegria no jogo da vida.

Ês tão jovem quanto a tua fé. Tão velho quanto a tua descrença. Tão jovem quanto a tua confiança em ti e a tua esperança. Tão velho quanto o teu desânimo. Serás jovem enquanto te conservares receptivo ao que é belo, bom, grande.

Receptivo as mensagens da natureza, do homem, do infinito.

E se um dia teu coração for tocado pelo pessimismo e corroído pelo cinismo, que Deus então, se compadeça de tua alma de Velho. "

General MacArthur - 1945

Índice

Considerações Iniciais

Capítulo 01: Sobre a observação.....	01
Capítulo 02: Experiência de um estágio.....	04
1. Estagiários: ameaça ou ajuda.....	04
2. Perfil do alunado.....	05
3. A minha tumultuada 7ª. Série.....	06
4. Meu adorável 1º. Ano	08
Capítulo 03: O Grande Problema.....	10
1. A falta de incentivo.....	10
2. Como lidar com as limitações.....	10
3. A disparidade entre teoria e prática.....	11
Considerações Finais.....	13
Bibliografia.....	14

Anexo 01 - Planos de Aula

Anexo 02 – Imagens trabalhadas em sala de aula

Anexo 03 – Provas das turmas

Anexo 04 – Textos utilizados no 1º. Ano

Anexo 05 – Textos utilizados na 7ª. Série

Anexo 06 – Avaliação da estagiária, feita pelos alunos.

Considerações Iniciais

Uma vez me disseram que a vida era feita de escolhas, e que os momentos de escolha eram sempre difíceis, já que a mesma precede sacrifícios. Muitas vezes por causa de uma escolha renunciamos o que somos e que temos para conseguir o que queremos.

Acredito que as escolhas são uma espécie de jogo onde erros e acertos dividem a mesma mesa. Escolheram um, a vida é um jogo de escolhas.

Ao prestar vestibular para história fiz uma escolha, fiz uma viagem rumo ao desconhecido onde tudo era diferente, as pessoas o ambiente. Tudo aquilo era um desafio e os obstáculos fizeram se presentes, as chances de sobrevivência naquele lugar dependia apenas da minha fidelidade à escolha.

Durante minha passagem pela universidade, a experiência mais marcante que tive foi como pesquisadora do projeto (Memória, Patrimônio Histórico e Cidadania). Esse foi o momento auge da minha vida acadêmica, pois compreendi o quanto eu poderia crescer no curso e como a sensibilidade é um sentido indispensável a um bom historiador/professor.

A prática de ensino na escola estadual de ensino fundamental e médio Severino Cabral foi um momento muito particular, pois além de prescrever o momento em que eu colocaria em prática parte do que aprendi na universidade, foi também a hora do reencontro com a instituição a qual me havia acolhido anos atrás. Aquela era a chance de rever alguns ex-professores, de saber o que havia mudado ao passar dos anos, era o momento de satisfação pessoa em saber que, de cá parti, e pra cá voltei.

Deparei-me ao Jongo do estágio, com as dificuldades enfrentadas pelo ensino público, e conclui que o meu dever era, através das aulas, propor mudanças, mostrar aos alunos como eles podem intervir nos problemas que vivenciam, alerta-los para o fato da educação ser o primeiro passo dado para transformar a realidade. Encorajei meus alunos a criarem um ambiente positivo e produtivo no qual suas metas fossem alcançadas. Espero que meu incentivo surte efeitos e que eles nunca percam a coragem de lutar por seus ideais.

Capítulo I – Sobre a Observação

Primeiramente, gostaria de ressaltar que, observamos, para conhecer, analisar, criticar, propor ou não, modificações e principalmente para delimitar o nosso objeto de estudo.

O objetivo principal da prática de ensino, desde o primeiro encontro entre o professor e os formandos, foi que a partir das leituras propostas, pudéssemos, atentamente, observar a situação da qualidade do ensino de história e da instituição escolar em nossa cidade, estado e nação. Ou seja, esta observação nos permitiria compreender e posicionar-se em relação as questões contemporâneas do ensino de história. No entanto, para que isto ocorresse de forma mais dinâmica e satisfatória, várias leituras foram propostas tanto pelo orientador quanto pelo professor. Ambas entretanto apontando para o mesmo fim: obtenção do êxito no estágio e em nossa carreira acadêmica.

De acordo com o objetivo acima descrito, o nosso primeiro passo à frente foi dado em busca da preparação intelectual, para atuarmos mais criticamente no ambiente escolar a ser observado. Para tanto, fomos aconselhados a procurar alguma bibliografia recente á observação escolar. Era necessário estar bem claro em nossas mentes, o que outras áreas do conhecimento científico, como antropologia, a sociologia, estão discutindo a respeito da observação não só escolar, mas os comportamentos em geral. A bibliografia deveria ser utilizada como mediadora no relacionamento entre os formandos e o nosso objetivo de observação, isto é, apoiadas nessas leituras, posicionaríamos em relação ao outro: entidade, ambiente, ser, etc., não apenas demarcando as diferenças, mas aprendendo com elas.

A partir de então a pesquisa foi ficando cada vez mais individualizadas, já que nossas reflexões seriam restritas ao que achava-mos interessante ser observado na determinada.

O resultado de tais reflexões acerca do ato de observar, seria a produção de um texto sobre observação na prática pedagógica, para ser entregue ao professor. O texto por sua vez, deve está apoiado nas leituras realizadas até então: “ A avaliação na escola de 1º Grau: Uma análise sociológica” _ Menga “Lüdke e Zélia Mediano; “ Pesquisa em educação: Abordagem qualitativas” _ Menga “Lüdke e Marli E. D. A. André; “ Pesquisa em ciências e Sociais” _ Antônio Chizzotti; além dos demais textos sugeridos no plano de curso, e nossas próprias leituras acerca da questão.

É chegado o momento tão esperado, nosso primeiro contato com a escola aonde iríamos estagiar, eu e os demais formandos. Nervosismo, ansiedade, palpitações, sorrisos, e muitas brincadeiras para nos distrair e relaxar, fizeram parte da nossa experiência. Aliás, as brincadeiras eram nossas Panacéias,¹ já que não sabíamos exatamente o que tínhamos era diferente os nossos olhares,

olhar de quem observar e de quem está sendo observado, de quem avalia e é avaliado.

Ao iniciar minhas observações na Escola determinada, ambiencionei esclarecer qual era o objetivo do estágio, mas como deter-me numa questão tão particular, enquanto presenciava a situação degradante do ensino público. Salas inadequadas para a quantidade de alunos; ambiente asficcante; número de carteiras insuficientes; falta de livros; os alunos na sua grande maioria são freqüentadores da escola e não estudantes;

Os professores extasiados com o descaso da família, do governo, da sociedade e do próprio aluno, acabaram descrentes. Em suma, os acontecimentos sociais, os dramas que a pessoa vive, os traumas que sofre, as desgraças que enfrenta, tudo tende a marcar o seu psiquismo e, posteriormente, a refletir negativamente na sua conduta. Isso é o que está acontecendo na escola e em toda a sociedade brasileira.

A criança ou adolescente que se julga incompreendido pela família, ou acha que não recebe os carinhos e a atenção que merece, ou se considera injustiçada pela sociedade (com razão ou sem ela) se vinga procedendo mal nessa sociedade. Diante desta realidade, restou-me duas saídas: anular-me criticamente e fazer um relatório bonito e sonhador, ou analisar toda essa problemática. Escolhendo a segunda questão, achei conveniente fazer uma auto-avaliação, para a partir daí avaliar a educação e os problemas sociais que lhes são intrínsecos para atingir tal objetivo, fiz uma observação minuciosa de como se dá as relações sociais naquele espaço tempo de saber. O que vi me fez crer que "Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens – massa ou homens coletivos" ², ou seja, vivemos em uma sociedade de hipócritas, que vive camuflando os problemas sociais, lutando contra a própria consciência, e afirmando ser os políticos, os únicos responsáveis pelas mazelas sociais.

O problema da educação é bastante complexo, pois diz respeito a todos, não se restringe á entidades ou pessoas públicas. Entretanto , não basta saber que o problema existe, é imprescindível fazer. Se concluirmos que o objetivo supremo é fazer, é agir, é conseguir que a criança e o jovem tenham atitudes morais e cívicas, então o problema que devemos resolver é o fortalecimento da vontade, pois para fazer é preciso querer, ter vontade.

Ao deter-me nesta questão, percebi que nossa força de vontade é o desânimo, a nossa vontade já nasce destinada ao fracasso. Vivemos em uma sociedade marcada pelo individualismo, não nos interessa saber como vive, e quais os problemas que enfrenta o nosso vizinho. Gostaria que nossa sociedade fosse como um grande formigueiro, onde milhares de formigas trabalham em prol do bem estar social, e quando ameaçadas, são suficientemente valentes na defesa de seu território. Mas, infelizmente somos seres muito diferentes das formigas, a nossa racionalidade é mesquinha, é individualista.

Apesar da dura realidade vivenciada pela escola analisada, a observação foi muito importante, pois muita coisa havíamos discutido sobre os problemas enfrentados pela escola pública em nosso país, de fora da escola, e agora tudo era diferente, aquele era o momento em que o dizível e o visível iriam associar-se para obter finalmente um posicionamento consciente pois vivenciado dos problemas enfrentados pelas escolas brasileiras. Foi naquele instante que compreendi em sua totalidade, as palavras de Nilda Alves e Regina Leite Garcia em “A Invenção da Escola a Cada dia: “ A escola da qual tantos falam é uma simplificação a partir de um paradigma reducionista que ignora tudo o que se passa e se iria nesse espaço/tempo de aprender e ensinar, de relação de subjetividades, de encontros e desencontros de socialização”.

Eis a complexidade existente na escola, sabia que por um determinado período, iria conviver com pessoas de mundos totalmente diferentes uns dos outros, e que através do processo educativo se encontram e participam de uma multiplicidade de redes de convivência. Era esse o grande desafio, perceber a diferença (político, social, econômica e cultural) de tais grupos, respeitá-los, apreendê-la e nela interagir.

Abordadas tais observações, podemos dizer que o ato de observar não é uma coisa fácil de ser feita, pelo contrário, é uma situação incômoda, devido ao fato de não sabermos exatamente o que observar, e por isso querer observar tudo. No entanto, por mais que busquemos estar atentos a tudo que acontece e que há na escola, percebemos que existe um número infinito de coisas que merecem nossa atenção, e que não damos conta de tudo, e isso acaba por nos deixar angustiados, achando que poderíamos fazer mais e melhor. Portanto correspondente ao nosso objetivo, não devemos deixar de observar tudo que estiver ao nosso alcance, visto que, todas as informações guardadas poderão ser utilizadas futuramente.

Logo, todo esse processo de pesquisa realizado a fim de coletar sistematicamente informações válidas sobre o fenômeno observável. A escola e sua estrutura funcional – para explicá-lo ou compreendê-lo, é um trabalho bastante complexo, visto que reúne diferentes competências (escrever, sistematizar, analisar), organização pessoal e o domínio de instrumentos de pesquisa. Ou seja, a pesquisa exige fases de atuação que começa pela observação, maturação, análise, relações e sínteses, neste interim, o próprio pesquisador/observador/estagiário tende a se modificar no curso de suas descobertas, fazendo com que suas posições previamente estabelecidas sofram modificações. Em outras palavras, existem dois momentos de observação: um previamente estabelecido, suscitado pôr questionamentos pessoais e/ou intelectuais e por leituras realizadas a priori; outro como consequência imediata do contato com o outro, ou seja, quando partimos para o campo de observação, estabelecemos o que deve ser observado, mas ao entrar em contato com a realidade vivenciada somos convidados a refletir, e nessa reflexão há

uma mudança do foco anterior e a reelaboração de um novo objeto de pesquisa, visto que ao lidar com as diferenças estamos sujeitos à modificações.

Em suma, apredi que não devemos ir para o campo de pesquisa cheios de concepções depreciativas, pré-estabelecidas, do nosso objeto de estudo, ou seja, não devemos deixar que as opiniões alheias sobre o problema educacional, interfira na nossa observação. É comum alguém nos dizer antes do estágio que a escola é ruim, os professores são chatos, os alunos são “burros”, enfim, esse tipo de coisa só atrapalha a nossa avaliação, pois isso direciona nosso olhar para só ver as coisas negativas da pesquisa. O bom pesquisador deve ser sensível aos dramas das pessoas, deve ser receptivo e comprometido com seu ideal profissional, respeitando com dignidade as particularidades alheias.

Capítulo II – Experiência em um estágio

1 – Estagiários; Ameaça ou Ajuda?

É uma reclamação comum de todos os estagiários, a forma grosseira como são recebidos nas escolas onde vão estagiar. Qual será o motivo dessa antipatia para com os estagiários?

Antes de analisar-mos esta questão, devemos pensar um pouco, o que faz o formando no estágio. Ele observa, analisa e critica, tornando-se assim uma ameaça.

A primeira etapa do estágio é a observação. Sendo o principal alvo desta, os professores mostram-se sempre receiosos, e na sua maioria, não aceitam ser observados, ou seja, eles não querem que seu trabalho seja avaliado por alunos concluintes, temendo que estes façam críticas fundamentadas apenas na teoria, pois para os professores existe uma grande disparidade entre teoria e prática, diferença que muitas vezes não é assimilada pelo aluno estagiário.

Muitas vezes o problema do ensino/aprendizado é a escolha metodológica do professor. Essa escolha por sua vez, depende das condições de trabalho que lhes são oferecidas e, principalmente, da disponibilidade de tempo do professor, que está sobrecarregado de trabalho (assume várias turmas em duas ou três escolas para aumentar a renda). Nesse sentido, é precipitado criticar apenas os professores pelo fracasso do ensino público, sem levar em consideração as condições de trabalho a que são submetidos.

Usamos hoje dois modelos de educação, uma reprodutora, outra transformadora. Na primeira encaixam-se aqueles professores reprodutores daquilo que o nosso sistema educacional impõe. Na segunda, estão os profissionais – minoria – que buscam formar seres pensantes.

A grande maioria dos professores que estão em sala de aula, ancaixam-se no modelo imposto pela classe dominante, onde não há uma visão crítica do conhecimento, e sim a reprodução deste. É preciso estarmos conscientes para o

fato de que a elite pensante brasileira não está interessada em formar cidadãos (indivíduos que conhecem seus direitos e deveres), e sim pessoas alienadas. Cabe a nós, professores, romper essa rede de equívocos na qual fomos educados, e começar a formar pessoas críticas.

Fugir do modelo educacional imposto de cima para baixo, é uma tarefa difícil de ser realizada, porém não é impossível. Sabemos que o sistema educacional é falho, que as escolas são mal aparelhadas, que os professores precisam passar por uma reciclagem, enfim, sabemos muita coisa. E por que não nos apropriamos do nosso conhecimento para apresentarmos propostas para a melhoria da educação?

Existe uma coisa no meio educacional que me deixa muito triste, é ouvir um professor dizer para o estagiário “meu filho”, ponha os pés no chão, não adianta criar expectativas, você jamais poderá dar a aula dos seus sonhos, a realidade aqui é outra eu sei como a coisa funciona”. Ao ouvir isto, sentimos o mundo desabar em nossas cabeças. Frustrar os sonhos alheios é uma coisa monstruosa, os professores veteranos, conscientes ou não, acabam reproduzindo o discurso dominante onde a educação pública não tem mais salvação. Se eu pudesse resumir o problema educacional nacional, e a repulsa dos professores para com os estagiários, diria que é medo. Os estagiários representam uma ameaça porque trazem consigo “novas” propostas de ensino, “novos” métodos, utilizam outros recursos didáticos, em fim, propõem algo diferente para os alunos.

Ao começar o estágio tinha por objetivo, fazer a junção, entre teoria e prática pedagógica, partindo do meu conhecimento teórico e a experiência dos meus colegas professores, para juntos propor mudanças. Mas, se antigamente o povo unido jamais seria vencido, hoje não existe esta conscientização e disponibilidade para as pessoas se unirem e lutarem por seus objetivos, ou seja, vivemos numa sociedade extremamente individualista, e o ditado popular que prevalece é, “cada um por si, e Deus por todos”. O resultado disso tudo é: Deus sobrecarregado, professor mal pago, estudantes alienados e sociedade “burra”.

2 – Perfil do Alunado:

Muito se discute sobre os problemas da educação, mas na maioria das análises realizadas até então, o aluno é sempre tratado com vítima. por que será que isto acontece?

O aluno da escola pública é sempre rotulado de incapaz. Este rótulo é proveniente de sua própria condição social, a pobreza nesse sentido é terrível, ela marca o indivíduo a tal ponto que mesmo alcançando o sucesso, ele é lembrado pelo o que foi na infância.

Pobres, negros, maltrapilhos, filhos de vigilantes, pedreiros, garis, domésticas, etc. estas são algumas das características do aluno da escola pública.

Por serem filhos de pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade, essas crianças e jovens, tem pouco incentivo para o estudo, e pouca perspectiva de futuro. Muitos deles vão para a escola á procura de alimentação, outras porque os pais obrigam e pouquíssimos deles querem realmente estudar, e pensam em fazer o curso superior.

É pensando nessa minoria que devemos, como educadores, rever a nossa prática pedagógica, atentando para o fato de existir uma acirrada disputa entre as entidades de ensino público e privado. É nosso dever deixar o aluno da escola pública em condições de disputar uma vaga na universidade.

A maioria dos alunos matriculados na escola pública , não dão sequência aos estudos, devido à problemas financeiros e não somente pela inferioridade do ensino. Ao concluírem o ensino Médio, muitos adolescentes entram no mercado de trabalho para complementar a renda familiar.

Portanto, o motivo da baixa escolaridade do “cidadão” brasileiro, está intimamente associado ao problema econômico, ou seja, quanto mais humilde for o estudante, menor será as suas chances de qualificação profissional, e sem qualificação não há empregos. Sem emprego, essas pessoas ficam a margem da sociedade, e como ministrar uma aula sobre cidadania, para uma criança ou adolescente que é totalmente marginalizada? Devemos mostrar ao aluno os caminhos de se alcançar a cidadania, entre eles a educação.

3 – A minha tumultuada 7ª. Série:

Após o primeiro contato com a escola, escolhemos as turmas onde íamos trabalhar.

Assumi duas turmas da professora Ana Teresa, foram elas respectivamente 1 7ª “B” e o 1ª “B” . A professora, muito educada e receptiva nos forneceu todos os dados a respeito de cada turma deixando claro que o uso de algumas metodologias eram inviáveis ao próprio ambiente de trabalho: Salas pequenas, turmas agitada, indisciplinada, e pouco interessada no que a professora fala.

Segundo a própria professora, a turma que mais se identificava com essas características era a 7ª série do ensino fundamental. Além de numerosa, essa turma era formada por pré-adolescentes, e essa fase da vida é sempre cheia de conflitos, de descobertas, ou como eles dizem “de azaração”.

A principal proposta de trabalho a ser desenvolvida nas turmas era preparar uma aula onde o aluno tivesse participação ativa. O objetivo era despertar a curiosidade dos alunos com relação a história e o que esta representa em nossas vidas. Gostaria que meus alunos analisassem os fatos históricos como conseqüências das transformações políticas, econômicas e sociais ocorridas nas sociedades ao longo dos tempos, queria principalmente, ensina-los a desconfiar daquilo que para eles seria a verdade, alertando que em história o que existe são verdades.

Ao assumir a turma, a professora já tinha discutido alguns capítulos do livro, o último, por sua vez, tratava-se da Revolução Francesa. O capítulo seguinte a ser trabalhado por mim tinha como título: "Napoleão, o agente da Revolução".

Ao ler o capítulo, vi que poderia escolher vários eixos temáticos como: As ambigüidades históricas, como o livro didático lida com os personagens históricos, enfim sendo Napoleão um filho da revolução, resolvi problematizar a questão e escolhi com eixo: "O filho que não foi fiel aos princípios maternos". Toda minha exposição tinha por objetivo, mostrar ao aluno que o poder converte as pessoas, e isso tinha acontecido com Napoleão. Mesmo como o sucesso econômico alcançado no seu governo, ele havia retrocedido politicamente, ele tinha privado as pessoas da liberdade pela qual haviam lutado na Revolução.

Escolhido o eixo temático, partir para os objetivos específicos que gostaria de alcançar, para isso coloquei as outras possibilidades de trabalho como objetivo. Neste sentido queria que os alunos entendessem as condições político/sociais da Europa pós-revolucionárias; o papel desempenhado pela igreja neste período; as ambigüidades cometidas na história etc.

No primeiro dia de aula, a professora fez a apresentação da estagiária, mas proferiu não assistir as aulas. Ao entrar na sala, percebi que seria difícil ministrar uma boa aula, numa turma tão inquieta, e minha previsão se cumpriu.

A receptividade foi boa, mas no aspecto disciplinar eles eram terríveis. Senti neste momento o mundo desabar sobre minha cabeça. Fazer eles calarem-se e simultaneamente ministrar a aula era impossível, mais uma vez me vi obrigada à escolher, ou continuava a aula e explicava para cinco ou dez alunos interessados em aprender alguma coisa, ou ficava reclamando durante toda a aula. Optei pela primeira alternativa e continuei a exposição.

Fim de aula, viagem para casa, cabeça doendo, sem voz e consciente que a aula tinha sido um fracasso. Esse era o meu estado de espírito. Depois de muito pensar, conclui que voltaria a expor o assunto, mas agora mudaria a metodologia.

Ao invés do roteiro da aula expositiva e do cartaz com imagens da época, utilizei na Segunda aula, cartazes contendo todo o conteúdo do capítulo. A mudança na metodologia deu-se, principalmente, por eu ter percebido que os alunos não liam o texto, e através dos cartazes eu não só explicava o conteúdo como também lia o mesmo em sala. O novo método funcionou, então resolvi aplica-lo no 1º Ano do Ensino Médio.

O assunto trabalhado em seguida foi sobre "A Família Real na Colônia" e a metodologia utilizada foi a mesma. Apesar de ser cansativo escrever tantos cartazes, a recompensa vinha quando percebia que alguns alunos estavam atentos à explicação.

Trabalhar nesta turma foi realmente um desafio. Apesar de serem muito levados e preguiçosos, eles tinham um encanto. O descaso era reflexo da idade, eles estavam vivendo “aquele” momento da vida, onde o que interessa é a diversão. O interesse pela matéria só veio no final do estágio, quando eles propuseram montar uma peça teatral representando a chegada da família Real na Colônia. Mas, a idéia não pode concretizar-se devido a falta de tempo, pois as aulas seriam interrompidas para a realização de reformas no prédio.

O detalhe da aula sobre a família Real que mais chamou a atenção dos alunos, foi a transformação cultural da cidade do Rio de Janeiro e as traições de Carlota Joaquina. Na peça que cogitaram realizar, ninguém queria interpretar D. João VI, foi um momento muito divertido.

Em suma, apesar de serem muito desinteressados, o assunto que lhes foi dado era bastante complexo, e sua compreensão era difícil. Creio que este foi o motivo do pouco envolvimento da turma com as aulas. Por mais que o professor se esforce, se o assunto for interessante o aluno não lhe dá atenção. Mas, apesar de indisciplinados, foram muito importantes para a minha formação, pois quando a turma é problemática, exige do professor muita sensibilidade e esperteza para driblar as dificuldades encontradas na profissão.

4 – Meu Adorável 1º Ano:

Tive no 1º Ano uma experiência totalmente diferente da anterior. Depois do fracasso da primeira aula na 7ª série, resolvi mudar a metodologia, por não saber exatamente o que me aguardava. Para minha surpresa, a aula foi um sucesso. Os cartazes com o assunto da aula tirou dos alunos a obrigação de copiar, ou seja, ao invés de prestarem atenção na explicação, os alunos estavam preocupados em copiar o assunto, e essa “nova” metodologia só iria facilitar suas vidas.

O assunto da primeira aula ministrada nesta turma foi “A ocupação da América”. Antes, porém, de discutir a chegada do homem na América Pré-colombiana, fiz uma revisão sobre a pré-história, para saber como estavam seus conhecimentos sobre a origem humana.

Confesso que foi difícil ministrar esta aula, pois eu mesma não gostava do assunto. Apesar do empenho dos pesquisadores em descobrir de onde teria vindo e onde teria se instalado o homem americano, o que existe até o momento, são versões.

Foi a partir das várias pesquisas realizadas pelas arqueólogos, que optei por mostrar aos alunos como usar outras ciências para se chegar aos fatos históricos; mostrar, ainda, o que foi a pré-história, e a importância de seu estudo para conhecer melhor o homem moderno. Através dos mapas mostrei as prováveis trajetórias seguidas pelo homem na ocupação da América. Mas uma vez fui surpreendida. A turma era calma, participativa, o único problema era a

leitura, eles não liam absolutamente nada do material que lhes era oferecido. Daí porque eles gostavam da minha aula. Havia dias em que eles estavam agitados, e era necessário retomar a explicação.

Após a Ocupação da América, o assunto ministrado foi o “Egito”. Os alunos perguntaram muito sobre essa civilização. Fiz em sala a leitura do mito de Osíris e eles adoraram a comparação feita entre a morte/resurreição de Osíris e as cheias anuais do rio Nilo.

Vários painéis com imagens dos deuses egípcios foram expostos em aula e os alunos divertiram-se bastante. Fiz ainda, a distribuição de cópias da escrita hieroglífica com a qual ficaram fascinados.

O uso de vídeo, tanto sobre a ocupação da América como a das primeiras civilizações, foi um sucesso. A minha proposta de trabalho era fazer inovações a cada aula e isso foi feito, apesar do pouco espaço disponível para realizar um trabalho interessante.

Durante a leitura do texto da aula seguinte, “A Mesopotâmia”, fiquei a questionar-me se os alunos estavam realmente compreendendo as aulas, e pensei numa maneira de avaliar a turma sem puni-los com nota. Resolvi ministrar a aula sobre a Mesopotâmia, enfatizando as diferenças entre esta e o Egito. Dessa maneira eu fazia duas coisas simultaneamente_ explicava o assunto atual e revisava o passado. O resultado foi maravilhoso. Durante a explicação eu parava e perguntava: nesse aspecto a Mesopotâmia é igual ou diferente do Egito? Porque? Eles foram respondendo todas as perguntas. Eu fiquei muito feliz pois todo meu esforço estava sendo recompensado.

No dia 11/04/2001, foi realizada a avaliação nesta turma ao término desta pedi que avaliassem meu trabalho (anexo). Ao ler os comentários a surpresa, pois em todos os textos senti que eles foram realistas, tudo o que estava escrito naqueles papéis era a visão deles sobre o estágio e a estagiária.

Portanto, se uma turma foi para mim importante pela sua complexidade, a outra foi indispensável para me fazer crer que vale a pena continuar no magistério. Daqueles alunos, nunca esquecerei.

Capítulo III – O Grande Problema:

1 – A falta de incentivo

O estágio foi para mim, um momento de reflexão. Partilhando as dificuldades enfrentadas pelo corpo docente e discente daquela instituição durante as quatro semanas de prática, conclui que a falta de incentivo é um dos problemas mais graves do ensino. O descaso com a qualidade público, assumiu proporções gigantescas nos últimos anos. Problemas como baixos salários, escolas desaparelhadas, profissionais desqualificados, alunos desmotivados, número insuficiente de professores, etc. são conseqüências da falta de uma política educacional voltada para o bem estar social.

A falta de verbas vem a cada dia debilitando o ensino público. Os profissionais da educação estão cada vez mais descrentes com relação as mudanças substanciais no ensino, os políticos só comentam a questão no período eleitoral, os pais dos alunos, por sua vez, ou apontam os professores como os únicos culpados pelo baixo nível de ensino, ou criticam os professores pelas greves chamando os mesmos de preguiçosos, enfim, as pessoas começam a procurar culpados pela crise, e esquecem que a educação se faz a partir da união entre professores, governo sociedade e família.

Apesar de não gostar de apontar culpados, neste caso devo abrir uma exceção, e dizer que a política educacional imposta pelos governantes é bastante prejudicial a sociedade. Os salários pagos aos professores é uma vergonha, a qualidade do ensino é baixa e com isso não só os alunos como toda a sociedade, perde.

2 – Como Lidar com as Limitações

Ao preparar uma aula o estagiário pretende ministra-la belamente. Mas o que é essa boa aula tão sonhada pelo estagiário? -- Para mim, boa aula é aquela onde há ensino (aprendizado, isto é, deve ter o envolvimento de toda a turma, fazendo perguntas, questionando, opinando, dando sugestões, apresentando fatos novos, enfim, é preciso haver troca de conhecimento. Portanto. Como pode o professor dar uma boa aula tendo o aluno como simples ouvinte e não como interventor? O silêncio do aluno incomoda bastante o professor, que não sabe ao certo se ele está compreendendo a explicação.

Ao longo do estágio fui percebendo que o motivo daquele silêncio, era a não compreensão da linguagem utilizada em sala. Descobri neste momento, que meio social no qual meus alunos estavam inseridos, possuía uma oratória muito pobre. Utilizar as palavras que lhes são familiar, não era a saída mais recomendada, pois ao invés de ampliar seus conhecimentos, eu estaria cedendo as suas limitações.

Diante de tal problema, resolvi permanecer com a mesma linguagem, só que agora esclarecendo as obscuridades do discurso. Reconheço que fiquei angustiada, pois o tempo reservado para a problematização da aula, foi usado como uma revisão de português. A minha angústia só passou ao perceber que minha missão ali, era bem maior que simplesmente ensinar história, era meu dever enquanto educadora, esclarecer todas as dúvidas, que porventura, tivessem os meus alunos. Não pretendo jamais, seguir o modelo de professor intransigente que limita-se a prestar esclarecimento sobre a sua disciplina.

“ O bom professor é uma criatura luminosa.
Onde quer que vá, a escuridão desaparece”. 3

Conclui portanto, que meus alunos tinham muitas limitações, e que estas também me limitavam. Mudar esse quadro é um processo minucioso que só pode ser alcançado a longo prazo. O primeiro passo na busca da superação dos limites do alunado já foi dado, espero que continuem o meu trabalho. Tenho consciência que para vencer limites, é preciso vontade e determinação, mas é também, necessário uma boa dose de sensibilidade, pois os limites podem ser provenientes de problemas bem mais complexos do que imagina nossa vã filosofia.

3 – A disparidade entre teoria e prática

dos quatro ou cinco anos de formação universitária, apenas três semanas são dispensadas a prática de ensino. Nunca concordei com isso, pois acho muito pouco tempo disponível para detectar e analisar os problemas na educação, inclusive, o nosso despreparo para assumir uma sala de aula.

Durante todo o curso muito aprendi sobre a história, acho que posso me considerar uma historiadora. Entretanto não me sinto ainda uma professora. Talvez tenha faltado empenho por parte dos professores universitários, em acompanhar mais de perto, de forma mais participativa, o desenvolvimento da disciplina de história nas escolas públicas ou privadas. Acho que só assim os professores saberiam exatamente como nos preparar para o mercado de trabalho.

Acredito ser mais proveitoso falar dos problemas educacionais, quando estes são vivenciados por nós. Falar de uma coisa que só temos conhecimento através dos livros, torna-se complicado de analisar.

Muito do que aprendemos não pode ser utilizado com os alunos devido o despreparo intelectual dos mesmos, por mais que nos dediquemos o aluno não consegue acompanhar nosso raciocínio. Daí eu me pergunto para que tanta teoria, se não podemos dividi-la com nossos alunos?

Na minha opinião, a distância existente entre as escolas e a universidade deve ser rompida, e para que isso ocorra, a prática de ensino deve ser

repensada, isto é, a prática deve ser feita ao longo do curso e não no final. Essa mudança aproximaria a teoria da prática e a qualidade do ensino aumentaria.

Em suma o ensino universitário perde seu sentido no momento em que não é exercido no ensino fundamental e médio. Sendo a universidade a Instituição responsável pela formação dos profissionais da educação, cabe a ela e aos seus representantes unir teoria e empiria, pois uma não pode ser praticada sem a outra. No dia em que esta prática for efetivada, poderemos ser, como a nossa amiga aranha, bom professores.

“Bons professores, como a aranha, sabem que lições, essas teias de palavras, não podem ser tecidas no vazio. Elas precisam de fundamentos. Os fios, por finos e leves que sejam, têm de estar amarrados a coisas sólidas: árvores, paredes, caibros. Se as amarras são cortadas, a teia é soprada pelo vento, e a aranha perde a casa. Professores sabem que isso vale também para as palavras: separadas das coisas, elas perdem seu sentido. Por si mesmas, elas se sustentam. Como acontece com a teia de aranha, se suas amarras as coisas sólidas são cortadas, elas se tornaram sons vazios.”⁴

1. ~~Panaceia~~ ~~Planta~~ ~~imaginárias~~ a que os antigos atribuíram, a virtude de curar todos os males / Por ext. Remédio para todos os males.

2. Gramsci, Antônio; em *Concepções Dialética da História*

3. Alves, Rubens “Desaprendendo” – in lições de feitiçaria, pág 19.

Considerações Finais

A prática de ensino foi uma experiência impar. Lidar com diferenças é muito instigante, a cada aula vamos aprendendo e a cada instante refletindo.

Percebi que o professor deve atrair todas as atenções, e isso requer muita sutileza, muita malícia. É dele a responsabilidade de ultrapassar, de planejar, de lidar com as impossibilidades que surgem no dia a dia na sala de aula.

O professor deve estar consciente de que o planejamento de cada aula exige disponibilidade de tempo e muita dedicação, o ensino exige muita exclusividade talvez esta, seja o maior problema no processo de ensino/aprendizagem.

As dificuldades que encontramos são muitas, mais ainda me resta o ideal de lutar por mudanças, principalmente, de mentalidade. Muito Utopia? Talvez, mais eu preciso disso para viver.

Bibliografia

- ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite. **A Invenção da Escola a cada Dia**. Rio de Janeiro DP&A, 2000;
- ANDRÉ, Marli, **Pedagogia das Diferenças na sala de aula**. Campinas, São Paulo – Papyrus, 1999;
- CHIZZOTTI, Antonio – **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paula, Editora Cortez, 2º. Edição, 1998;
- KLEIMAN, Ângela B. e Moraes, Silva E. – **Leitura e Interdisciplinaridade – Tecendo redes nos professores da Escola**. Campinas, Sp. Mercado de Letras, 1999;
- LE GOFF, Jaques – **História e Memória**. Campina, São Paulo. Editora da Unicamp, 1994;
- LUOKE, Menga e Mediano, Zélia – **Avaliação na escola de 1º. Grau: Uma análise sociológica**, 4º. Edição. Editora Papyrus. 1997;
- LUOKE, Menga e ANDRÉ, Marli. E.D.A. – **Pesquisa em Educação: Adordagem Qualitativas**. São Paulo. E.P.U., 1986;
- PICONEZ, Stela C.B. **Prática de Ensino e estágio supervisionado Campina**. SãoPaulo. Editora Papyrus, 1991
- Stephanou, Maria. **Instaurando maneira de ser, conhecer e interpretar**. In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Anpuh/ Humanas Publicações , vol. 18, Nº. 36, 1998.
- WHITE, Hayden. **Meta-História – A imaginação histórica do século XIX**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

ANEXO 01- PLANOS DE AULA

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO SEVERINO CABRAL
UFFB- UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS II
CH - CENTRO DE HUMANIDADES
DHG- DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO DE Iº E IIº GRAUS
PROFESSOR: ALARCON AGRA DO Ó
ALUNA: AÍDA CÉLIA AZEVEDO COSTA - MATRÍCULA: 9523788-6
ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

PLANO DE AULA (Iº ANO)

TÍTULO: A OCUPAÇÃO DA AMÉRICA

TEMA: AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS: SERÁ LUZIA O FÓSSIL HUMANO MAIS ANTIGO DAS AMÉRICAS?

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1- MOSTRAR AO ALUNO COMO SE DEVE ESTUDAR HISTÓRIA E COMO USAR OUTRAS CIÊNCIAS PARA CHEGAR AOS FATOS HISTÓRICOS.
- 2- MOSTRAR, AINDA, O QUE FOI A PRÉ-HISTÓRIA, A IMPORTÂNCIA DE SEU ESTUDO PARA MELHOR CONHECIMENTO DO HOMEM ~~PRIMITIVO~~. *moderno*
- 3- FAZER COM QUE OS ALUNOS COMPREENDAM AS VÁRIAS VERSÕES ACERCA DA ORIGEM DO HOMEM AMERICANO.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- 1- TEORIA DE CLÓVIS
- 2- A PESQUISA EM MONTE VERDE, NO CHILE
- 3- O SÍTIO DE PEDRA PINTADA
- 4- O SÍTIO DE PEDRA FURADA
- 5- LUZIA, A PRIMEIRA "BRASILEIRA"?
- 6- NOVAS PESQUISAS, NOVAS HIPÓTESES

ESCOLHA METODOLÓGICA:

PRETENDO ATRAVÉS DA AULA EXPOSITIVA, MOSTRAR A IMPORTÂNCIA DOS CONCEITOS HISTÓRICOS E DOS DEBATES SOBRE A ORIGEM HUMANA. DEVO FAZER COM QUE OS ALUNOS CONHEÇAM OUTRAS FONTES DE PESQUISAS HISTÓRICAS DIFERENCIANDO A ESCRITA COMO ÚNICA FONTE DE SABER.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- 1-MAPA (PARA FACILITAR A LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA)
 - 2-FOTOGRAFIAS (CONTENDO AS VÁRIAS ETAPAS DA EVOLUÇÃO HUMANA)
 - 3-QUADRO NEGRO E GIZ
 - 4- *Viúva (O homem primitivo brasileiro)*
- PLANO DE AULA (1º ANO)

TÍTULO: EGITO

TEMA: UMA DAS PRIMEIRAS E MAIS EXUBERANTES SOCIEDADES DA HISTÓRIA

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1-MOSTRAR A IMPORTÂNCIA DA SOCIEDADE EGÍPCIA NA HISTÓRIA
- 2-ENTENDER A SUA RELIGIÃO E CONHECER SEUS DEUSES
- 3-COMPREENDER A ORGANIZAÇÃO SOCIAL EGÍPCIA
- 4-APRESENTAR AS CONTRIBUIÇÕES DESTA SOCIEDADE PARA O MUNDO CONTEMPORÂNEO
- 5-MOSTRAR O QUE SIGNIFICAVA O RIO NILO PARA ESTE POVO

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- 1-O LOCAL GEOGRÁFICO
- 2-O ESTUDO DO EGITO
- 3-A ERA DOS FARAÓS
- 4-A ORGANIZAÇÃO SOCIAL
 - AS ATIVIDADES ECONÔMICAS (A ESCOLHA DO MELHOR OFÍCIO)
 - A RELIGIÃO (A HISTÓRIA DE OSÍRIS) A BUSCA DA ETERNIDADE)
 - A ARTE
 - OS SABERES

ESCOLHA METODOLÓGICA:

CONTRARIA DESTACAR NESTA AULA, A IMPORTÂNCIA QUE ESTA CIVILIZAÇÃO DAVA A AGRICULTURA, APROVEITANDO AS CHUVIAS DO NILO PARA

A FERTILIZAÇÃO DA TERRA, SEUS PROCESSOS DE DRENAGEM, O CULTO AOS DEUSES, A SUA ORGANIZAÇÃO SOCIAL, ENFIM, MOSTRAR COMO A LOCALIZAÇÃO DESTA CIVILIZAÇÃO FAVORECEU A SUA SUBSISTÊNCIA.

A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DOS EGÍPCIOS DEVE SER ESTUDADA COMO UM PRODUTO DA DIVISÃO DE TRABALHO NAQUELA SOCIEDADE. AS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS DEVEM SER PESSALTADAS, MOSTRANDO AOS ALUNOS, POR EXEMPLO, O COMPLEXO SISTEMA DA ESCRITA -HIEROGLÍFICA - DESSE POVO.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- 1-QUADRO NEGRO E CIZ
- 2-MAPA (PARA A LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO EGITO)
- 3-PAINÉIS (COM IMAGENS DA ESCRITA EGÍPCIA, DOS FARAÓS, DA PRODUÇÃO, DOS PLANTIOS E DAS PIRÂMIDES).

PLANO DE AULA (1º ANO)

TÍTULO: ANTIGUIDADE DO ORIENTE PRÓXIMO - MESOPOTÂMIA

TEMA: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE AS SOCIEDADES DO ORIENTE PRÓXIMO

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1-MOSTRAR AOS ALUNOS NO QUE ESTA CIVILIZAÇÃO ERA SEMELHANTE E DIFERENTE DO EGITO.
- 2-COMPREENDER A SUA ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA.
- 3-MOSTRAR AS SUAS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS PARA O HOMEM CONTEMPORÂNEO
- 4-MOSTRAR O MOTIVO DAS SUCESSIVAS INVASÕES DAS CIDADES-ESTADOS.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- 1-ECONOMIA E SOCIEDADE
- 2-O PODER POLÍTICO
- 3-OS SUMÉRIOS: PRECURSORES
- 4-OS ACÁDIOS E A UNIFICAÇÃO DO IMPÉRIO
- 5-O IMPÉRIO BABILÔNICO
- 6-OS ASSÍRIOS: POVO GUERREIRO
- 7-OS CALDEUS E O NOVO IMPÉRIO BABILÔNICO
- 8-CULTURA E RELIGIÃO NA MESOPOTÂMIA

ESCOLHA METODOLÓGICA:

-AULA EXPOSITIVA

RECURSOS DIDÁTICOS:

1-MAPAS

2-QUADRO NEGRO E GIB

3-VÍDEO(AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES)

4-CARTAZES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FERREIRA, José Roberto Martins- 7ªed.reform. São Paulo FTD 1992.

HERMIDA, Antônio José Borges- Compêndio de História do Brasil. São Paulo. Editora Nacional, 52ª edição, 1968.

MOTA, Carlos Guilherme & LOPEZ, Adriana- História e Civilização. O Brasil colonial. São Paulo. Editora Ática, 2ª edição, 1995.

PILETTI, Nelson & PILETTI, Claudino- História e Vida. Brasil da pré-história à Independência. Vol.1, São Paulo. Ed. Ática, 19ªed. 1997.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO SEVERINO CABRAL
UFPB - UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CAMPUS II
CH- CENTRO DE HUMANIDADES
DHG- DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO DE Iº E IIº GRAUS
PROFESSOR: ALARCON AGRA DO Ó
ALUNA: AÍDA CÉLIA AZEVEDO COSTA
ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

PLANO DE AULA (7ª SÉRIE)

TÍTULO: NAPOLEÃO, O AGENTE DA REVOLUÇÃO

TEMA: AS AMBIGUIDADES HISTÓRICAS: O FILHO QUE NÃO FOI FIEL AOS PRINCÍ-
PIOS MATERNOS.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1- ENTENDER COMO A HISTÓRIA PODE SER CONSTRUÍDA A PARTIR DE UM PERSO-
NAGEM CENTRAL.
- 2- ENTENDER AS CONDIÇÕES POLÍTICO/SOCIAIS DA EUROPA PÓS-REVOLUCIONÁ-
RIA.
- 3- MOSTRAR A IMPORTÂNCIA DA IGREJA EM MEIO A TODO O PERÍODO PÓS-REVO-
LUCIONÁRIO.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- 1- O FILHO DA REVOLUÇÃO
- 2- NAPOLEÃO, PROGRESSO NA ECONOMIA
- 3- NAPOLEÃO, RETROCESSO NA POLÍTICA
- 4- O HOMEM DAS MIL VITÓRIAS
- 5- INGLATERRA, O INIMIGO INVENCÍVEL
- 6- MUITAS VITÓRIAS, MUITOS INIMIGOS

ESCOLHA METODOLÓGICA:

MINISTRAR UMA AULA EXPOSITIVA DIALÓGICA SOBRE O QUE REPRESENTOU NAPOLEÃO NA HISTÓRIA OCIDENTAL É UM DESAFIO, POIS TRATA-SE DE UM PERSONAGEM EXTREMAMENTE COMPLEXO DEVIDO AO PRÓPRIO CONTEXTO HISTÓRICO QUE VIVEU -GUERRAS, MUDANÇAS POLÍTICAS, AVANÇOS TECNOLÓGICOS, RI - QUEZAS' etc.

MOSTRAR AOS ALUNOS QUE ESTE GRANDE HOMEM É FRUTO DA EXAGER_ BAÇÃO IDEOLÓGICA DE ALGUNS AUTORES, NÃO É TAREFA FÁCIL DE REALIZAR, POIS OS EQUÍVOCOS HISTÓRICOS LHE SÃO ENSINADOS DESDE SEUS PRIMEIROS ANOS, E DESACREDITAR ALGO QUE LHE FOI ENSINADO DURANTE ANOS, É NO MÍNIMO UMA OUSADIA. MAS, TODO BOM HISTORIADOR DEVE OUSAR E DESCONFIAR.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- 1-QUADRO NEGRO E GIZ
- 2-LEITURA DE DOCUMENTO DE ÉPOCA
- 3-MAPAS (VISUALIZAÇÃO DAS CONQUISTAS)
- 4-PAINÉIS COM IMAGENS DE ÉPOCA

PLANO DE AULA (7º SÉRIE)

TÍTULO: A FAMÍLIA REAL NA COLÔNIA TROPICAL

TEMA: FECHA-SE O CERCO: A SALVAÇÃO ESTÁ NA COLÔNIA

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1-ENTENDER OS MOTIVOS DA VINDA DA FAMÍLIA REAL PARA A COLÔNIA.
- 2-COMPREENDER AS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS OCORRIDAS NA COLÔNIA APÓS A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL.
- 3-MOSTRAR A INFLUÊNCIA INGLESA NA ECONOMIA DA COLÔNIA.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- 1-MELHOR PERDER O PAÍS DO QUE A VIDA
- 2-UMA FORTE AMIZADE COM UM AMIGO MUITO FORTE?
- 3-COM A CORTE MORANDO AQUI, PARA QUE OS MONOPÓLIOS?
- 4-RIO DE JANEIRO, A LISBOA TROPICAL
- 5-O BRASIL VIROU RÁPIDO, MAS CONTINUOU COLÔNIA
- 6-MUITA PRESSÃO EM CIMA DE D. JOÃO

ESCOLHA METODOLÓGICA:

A MINHA PRINCIPAL OPÇÃO DE TRABALHO SOBRE A VINDA DA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA PARA O BRASIL COLÔNIA, É MOSTRAR OS REAIS MOTIVOS DESTA VIAGEM E, CONSEQUENTEMENTE, AS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS, ECONÔMICAS, SOCIAIS E CULTURAIS QUE OCORRERAM NA COLÔNIA APÓS A CHEGADA DA CORTE E DA NOBREZA PORTUGUESA NA AMÉRICA. PARA ALCANÇAR TAL OBJETIVO, DEVEREI AINDA DESTACAR A INFLUÊNCIA INGLESA E FRANCESA NESTA VIAGEM E O CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO E SOCIAL DO FINAL DO SÉCULO XVIII E INÍCIO DO XIX NO MUNDO.

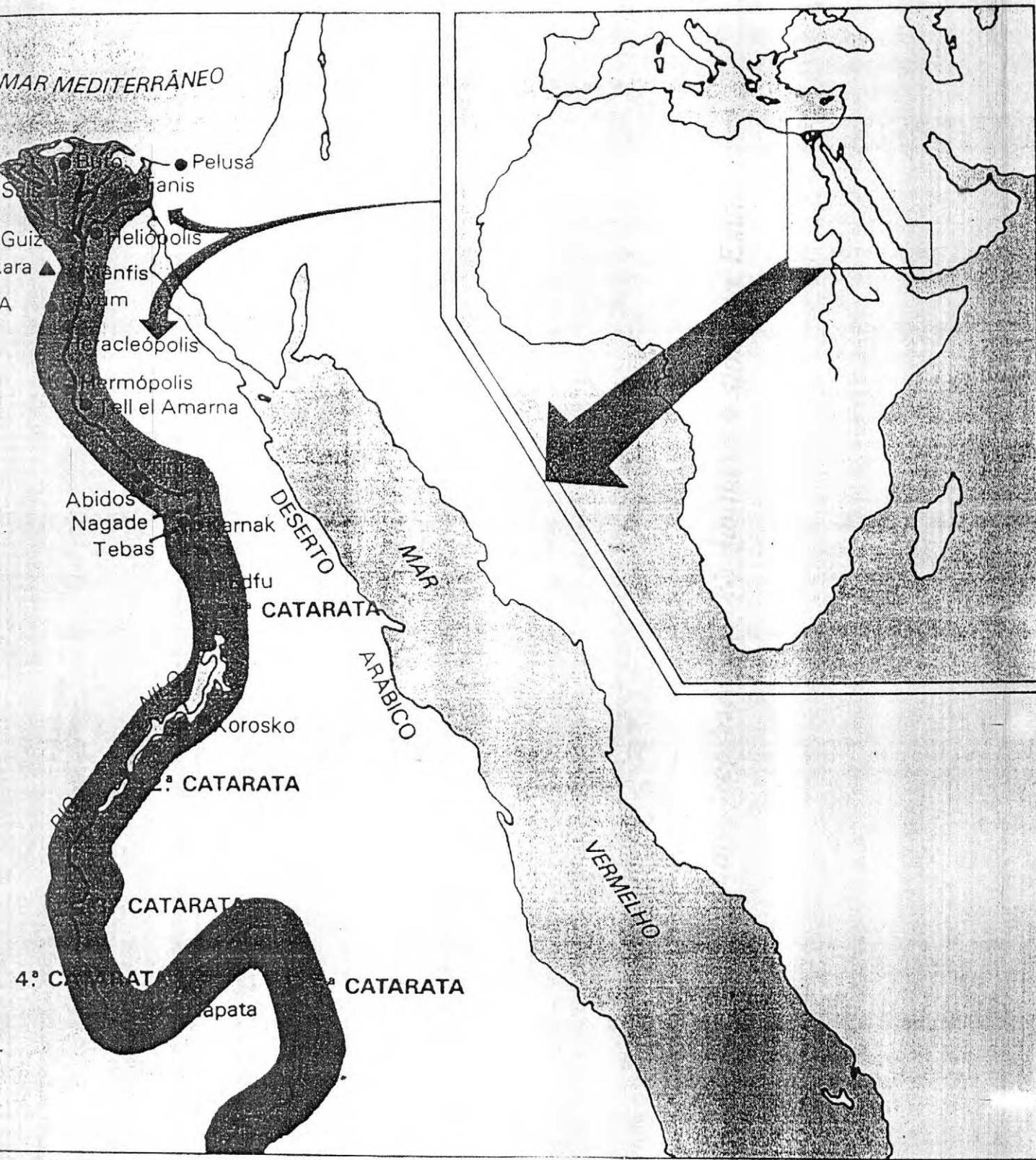
RECURSOS DIDÁTICOS:

- 1-QUADRO NEGRO E GIZ
- 2-MAPA
- 3-PAINÉIS COM FOTOS DA FAMÍLIA REAL E DE ALGUMAS OBRAS POR ELES REALIZADAS.

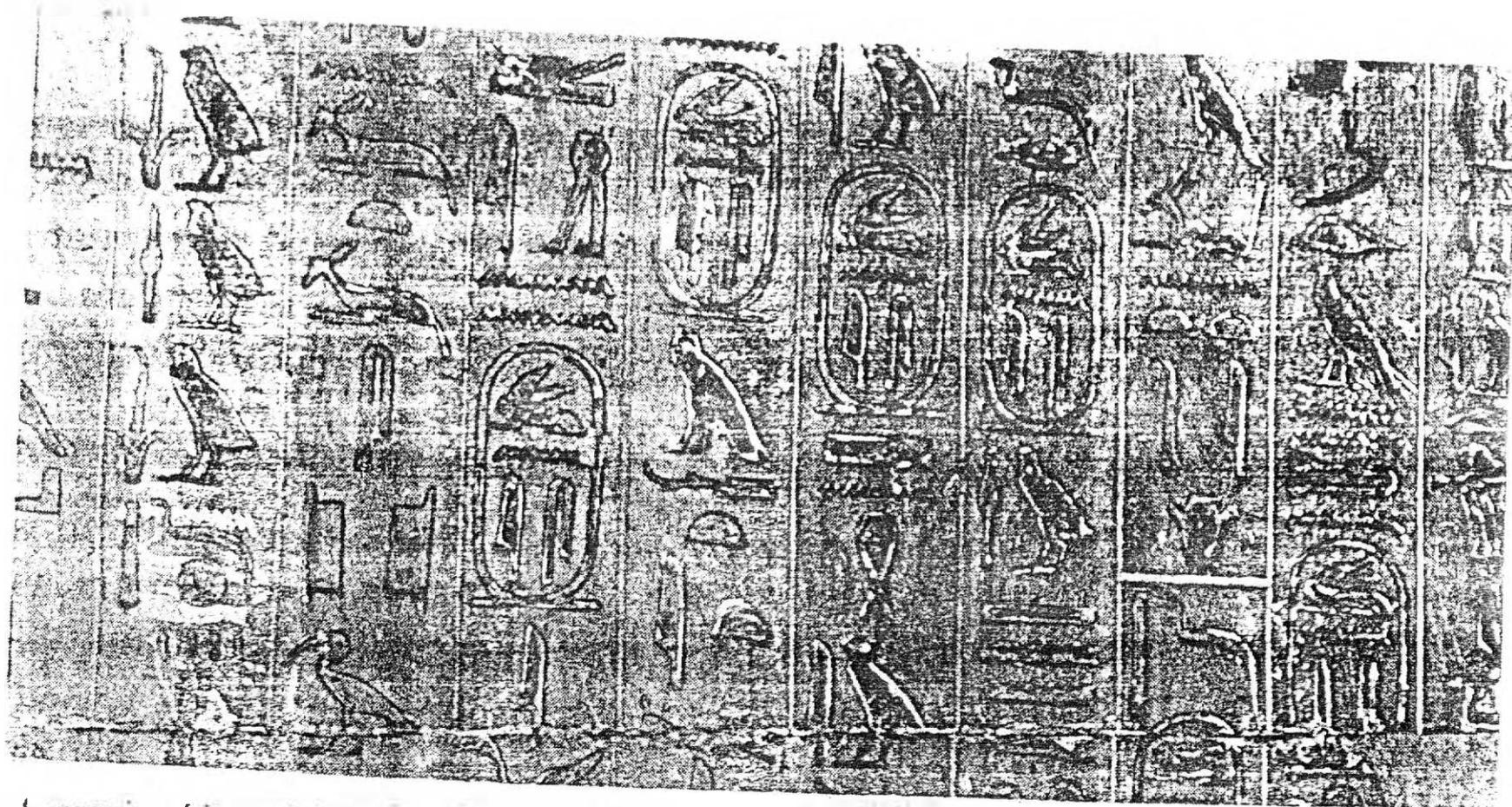
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BELLUCI, Boni- História Geral. Vol. 1 - Antiga e Medieval. São Paulo. Ed. FTD. sa.
- PEDRO, Antonio- História Antiga e Medieval. São Paulo, Editora Moderna 1ª edição, 1985.
- FERREIRA, José Roberto Martins- História- 1ª série do ensino médio. Ed. Reform. São Paulo, FTD, 1992.

ANEXO 02- IMAGENS TRABALHADAS EM SALA DE AULA



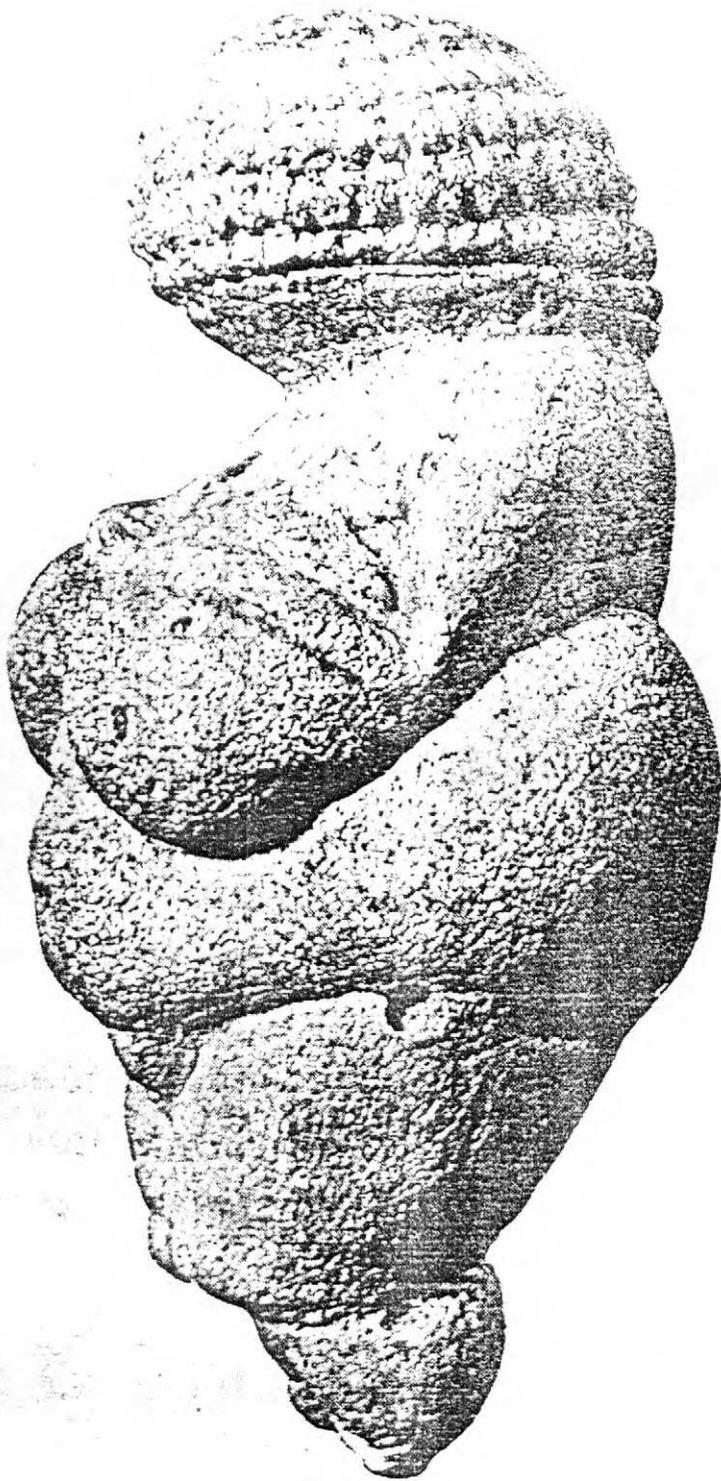
Egito Antigo-era uma longa faixa de terra nas margens do RIO NILO



A escrita hieroglífica com símbolos representando a fauna e a flora do Egito.



Bisão da caverna de Altamira. Os nossos ancestrais acreditavam que era mais fácil a captura dos animais se eles fossem desenhados na caverna.



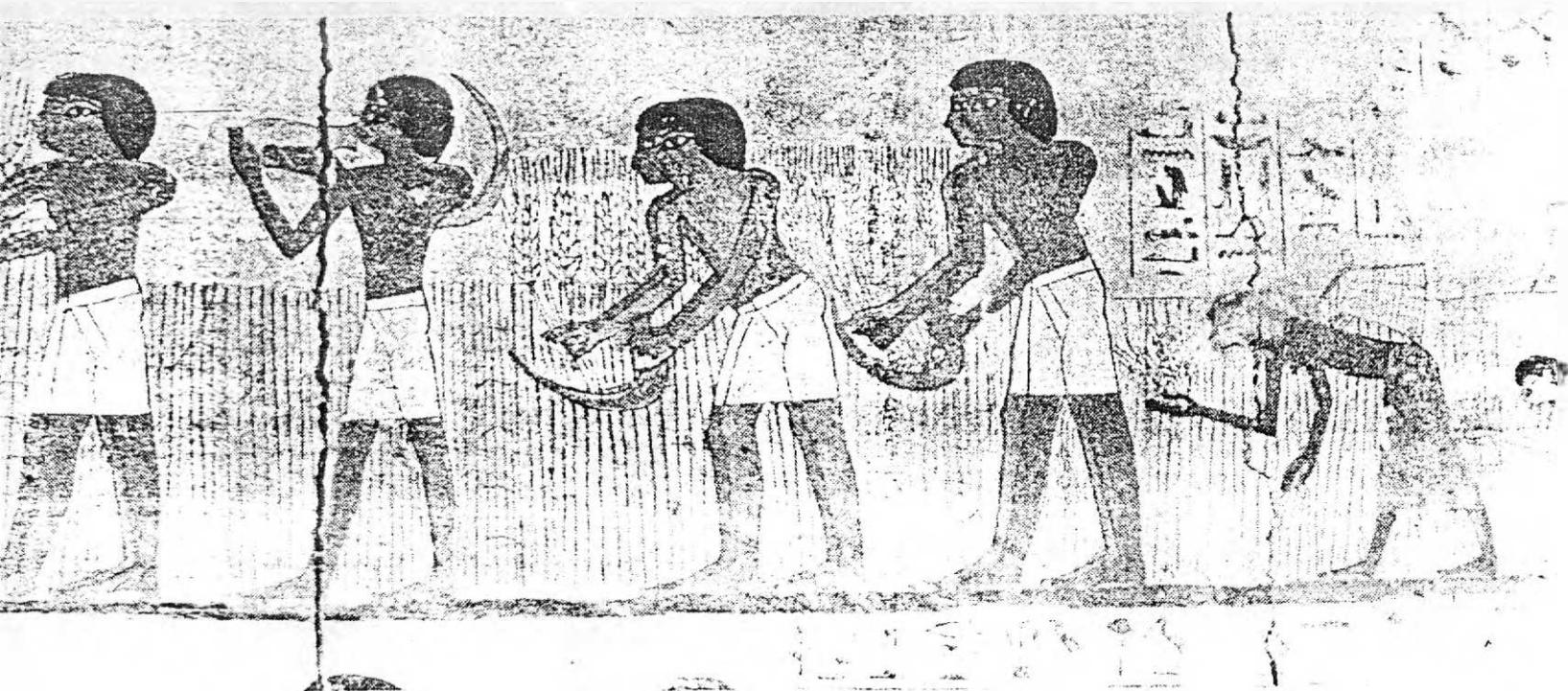
Vênus: o culto à figura feminina estava ligado à fertilidade da terra.

OS MAIS IMPORTANTES GRUPOS BICONSONANTAIS

COM A'	COM Â	COM P	COM R	COM K
ÂA	UÂ	UP	IR	ÂK
UA	HÂ	KP	UR	SK
BA	COM U		PR	COM T
ÂA	AU	IM	MR	
MA	IU	NM	HR	MT
HA	MU	HM	HR	HT
HA	NU	KM	MR	ST
HÂ		GM	GR	
SA	RU	TM	COM H	
SA	HU		BH	COM D
SCIA	SU	COM N		
KA	SCIU	IN	MH	SC-D
TA	GIU	UN	NH	KD
CIA		MN	COM S	
GIA	COM B		IS	GD
COM I		NN	COM G	
MI	AB	HN	MS	ÂG
MI	NB	HN	NS	UG
	IB	SN	HS	NG
TI	IB	SC-N	SC-S	HG
			GS	



DEUSA DA FERTILIDADE



a cena da produção agrícola no Egito antigo.



D. João VI



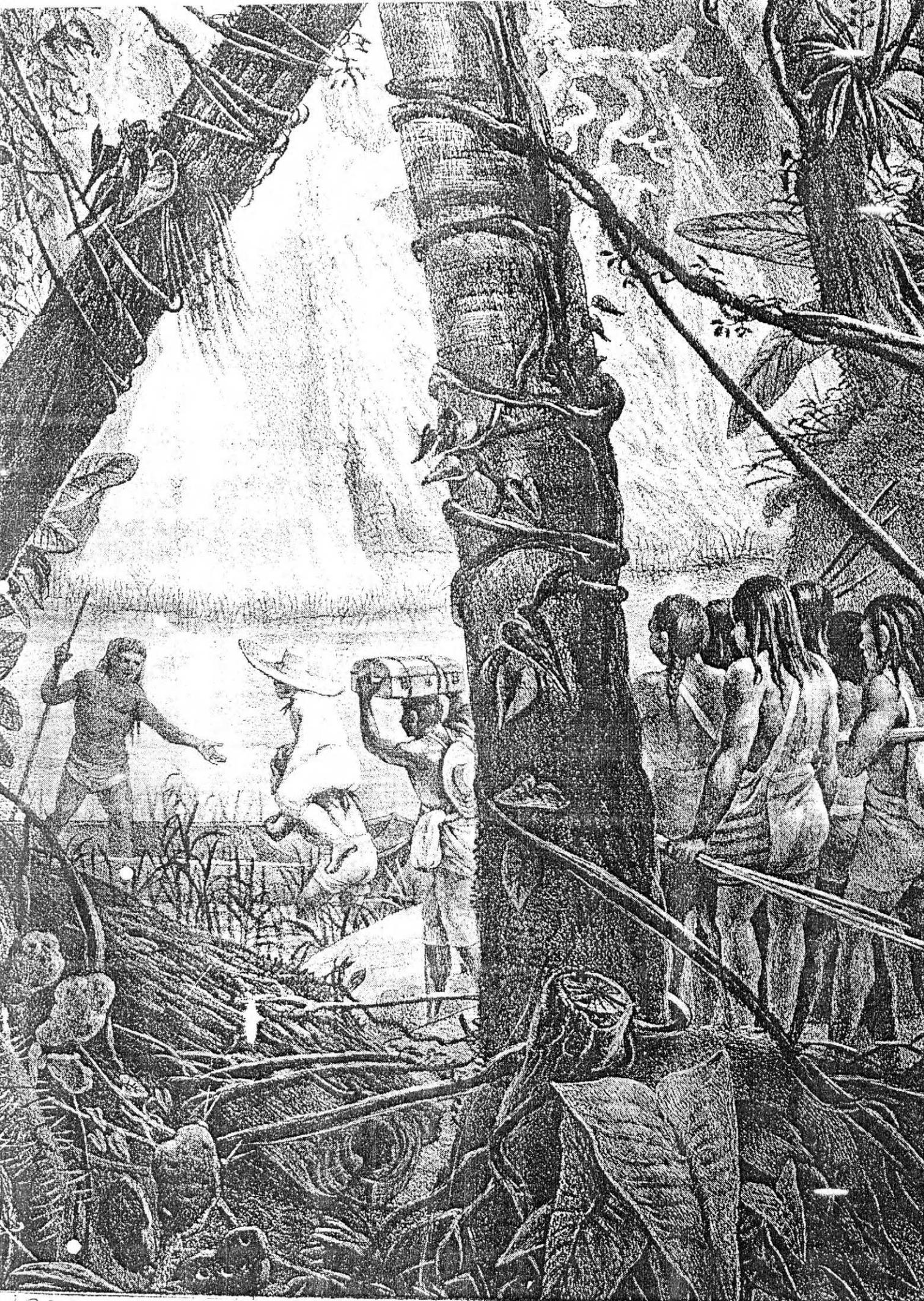
D. PEDRO I





D. Pedro II aos seis anos





ANEXO 03- PROVAS DAS TURMAS

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral

Campina Grande, 11 de Abril de 2001

Disciplina: História

Série: 1º Ano B

Turno: Manhã

Professora: Ana Tereza

Estagiária: Aída Célia Azevedo Costa

ALUNO (A): _____

AVALIAÇÃO

1) Vimos no texto “A Ocupação da América”, várias versões acerca da origem do homem americano. Responda-me com suas palavras qual a importância dessas pesquisas.

2) Sobre os egípcios, vimos que estes criaram vários mitos. Entre eles o de Ossíris, marcado pela morte e ressurreição. Neste mito a morte e a ressurreição simbolizam o que?

3) Cite duas diferenças e duas semelhanças existentes entre a sociedade egípcia e a mesopotâmica.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral

Campina Grande, 11 de Abril de 2001.

Disciplina: História

Série: 7ª B

Turno: Manhã

Professora: Ana Tereza

Estagiária: Aída Célia Azevedo Costa

ALUNO (A): _____

AVALIAÇÃO

- 1) Napoleão, como vimos, foi um filho da Revolução Francesa. Liberdade, Igualdade e Fraternidade foi o tema dessa Revolução. Na sua opinião, Napoleão foi fiel a esses princípios? Justifique a sua resposta.

- 2) Diante de tantas vitórias e derrotas, qual era o principal objetivo de Napoleão?

- 3) Diga-me com suas palavras o que foi o Bloqueio Continental.

- 4) Conte-me com suas palavras qual foi o motivo da vinda da família real para o Brasil.

ANEXO 04- TEXTOS UTILIZADOS NO 1º ANO

A ocupação da América

Pesquisadores acreditam que a América foi provavelmente o último dos continentes a ser ocupado pelo ser humano. A data em que isso teria ocorrido, entretanto, é motivo de controvérsia.

Podemos dizer, de maneira simplificada, que as discussões se concentram em duas questões: quando teriam chegado os primeiros povoadores e que caminhos teriam percorrido.

O debate é de extrema importância. Por muito tempo, considerou-se que a história da Améri-

ca só teve início com a chegada dos europeus ao continente, no final do século XV. Todo o período anterior era classificado como pré-histórico, ou seja, sem história. Sabe-se hoje que a história dos povos americanos é bem mais rica e antiga do que os conquistadores europeus imaginavam. O objetivo das pesquisas atuais é, justamente, conhecer o passado dos povos americanos por uma outra perspectiva: a dos primeiros povoadores do continente e de seus descendentes.

Para refletir e discutir

No interior de Minas Gerais, em Lagoa Santa, encontra-se um dos principais sítios arqueológicos do Brasil. Ali foi encontrado o mais antigo fóssil humano das Américas, com aproximadamente 11,5 mil anos de idade. Pertencente a uma mulher, o fóssil foi batizado com o nome de Luzia. Por meio de técnicas de computação foi possível reconstituir a fisionomia de Luzia, como se pode observar na imagem.

O estudo do fóssil, entre outras coisas, indicou características, como idade provável da morte (por volta de 20

anos), altura (1,50 m) e alguns hábitos alimentares (comia frutos, raízes e folhas; raramente carne).

Reúna-se em grupo e procure explicar como é possível obter informações a partir do exame de um fóssil.



Antonio Souza/FRANCIS/Pressa

A cabeça da Luzia foi reconstituída na Universidade de Manchester, Inglaterra, e revelou surpreendentes traços negróides.

1. Teoria Clóvis

Por muito tempo, a teoria mais aceita nos meios científicos foi a de que os primeiros povoadores teriam chegado à América há cerca de 11,5 mil anos. Vindos da Sibéria pelo extremo norte da Ásia, teriam atravessado o estreito de Bering e chegado ao Alasca (veja o mapa da página 15). Naquela época, o planeta Terra estava sofrendo o efeito da última Glaciação, e o rebaixamento dos oceanos facilitava o acesso entre os dois continentes.

As imensas geleiras existentes na América do Norte impediram, durante longo tempo, que esses povos migrassem em direção ao sul. A medida, porém, que as massas geladas começaram a se desfazer, abriu-se um caminho por onde os grupos humanos puderam passar e ir ocupando todo o continente.

Essa versão do povoamento é conhecida como *teoria Clóvis*. Ela foi originada das pesquisas arqueológicas realizadas na região do Novo México, Estados Unidos, em 1937. Os vestígios deixados pelos grupos humanos que aí viveram, ba-

sicamente pontas de pedra lascada e ossadas dos animais que caçavam, constituíram a chamada *cultura Clóvis*.

As análises feitas pelo método do carbono-14 (C^{14}) fixaram a data da cultura Clóvis entre 10 e 11 mil anos atrás. A partir daí determinou-se que o início da ocupação humana no continente deu-se em torno de 11,5 mil anos.

Descobertas recentes em outros sítios arqueológicos colocam em dúvida essa teoria. Alguns desses sítios são os de Meadowcroft, na Pensilvânia, Estados Unidos; o de Monte Verde, no Chile; e os de Lagoa Santa, em Minas Gerais, e Pedra Pintada, no Pará (veja o mapa da página 15).

Com as novas pesquisas realizadas nesses locais, já se pode supor que os primeiros povoadores tenham chegado ao continente há pelo menos 20 mil anos ou, quem sabe, há 25, 30 ou 50 mil anos.

2. A pesquisa em Monte Verde, no Chile

Entre os principais sítios arqueológicos a fornecer dados que permitem questionar a teoria Clóvis está o de Monte Verde, no Chile.

Na década de 1970, foram encontrados objetos feitos de pedra, artefatos de madeira, restos de plantas medicinais (que ainda hoje são cultivadas pelos nativos) e até uma estrutura de habitação, sustentada por toras e coberta por peles de animais. As evidências mais antigas de Monte Verde datam de aproximadamente 12,5 mil anos.

Essas descobertas podem modificar consideravelmente as hipóteses sobre o povoamento das Américas. Afinal, o sítio de Clóvis ficava nos Estados Unidos e o de Monte Verde, no sul do continente. Sabe-se que os deslocamentos humanos em áreas despovoadas costumavam levar milhares de anos. Assim, para que seres humanos tenham chegado tão longe, numa época tão remota, seria preciso que tivessem atravessado o estreito de Bering muitos milênios antes. Dessa forma, já se começa a aceitar que a chegada do ser humano à América pode ter acontecido há 20 mil anos ou mais!

3. O sítio de Pedra Pintada

A teoria Clóvis encontra oposição também por parte de Anna Roosevelt, professora de antropologia da Universidade de Illinois, nos Estados Unidos. Ela coordenou, em 1996, uma equipe que pesquisou a caverna de Pedra Pintada, em Monte Alegre, Pará, na margem do rio Amazonas. Entre outros vestígios da presença humana foram encontradas pontas de lança e cacos de cerâmica datados de 6,8 a 10 mil anos.

Em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo* (15/6/1997), Anna Roosevelt declarou: "Levei o material coletado para 69 laboratórios de vários países. Os resultados foram parecidos e nos permitiram concluir que os paleoíndios (como são chamados os primeiros habitantes da América) viveram na região amazônica de 11,2 a 10 mil anos atrás".

Para a pesquisadora, diversos sítios no Brasil constituem provas mais do que convincentes de que a ocupação humana na América se deu há mais de 20 mil anos.

4. O sítio de Pedra Furada

O sítio de Pedra Furada, localizado em São Raimundo Nonato, no Piauí, foi encontrado na década de 1960. Ele vem sendo estudado, desde o início dos anos 1970, por uma equipe de estudiosos coordenada por Niède Guidon, arqueóloga franco-brasileira.

No local foram encontrados pedras lascadas e vestígios de fogueira. Segundo a equipe, esses vestígios podem ter 48 mil anos, o que faria de Pedra Furada o mais antigo sítio arqueológico do continente. Além disso, foram encontrados fósseis humanos que, estima-se, têm por volta de 11 mil anos.

Existem muitas dúvidas, entretanto, em relação aos vestígios de Pedra Furada. A ausência de fósseis humanos da mesma época leva alguns críticos a alegar que as pedras lascadas e as fogueiras podem ter origens naturais (raios, por exemplo).

Caso se comprovem as estimativas sobre a antiguidade da presença humana nesse local, feitas pela equipe de Niède Guidon, vai ser preciso admitir que os seres humanos viveram no nordeste brasileiro há mais de 50 mil anos. Consequentemente, sua chegada ao continente teria acontecido numa data ainda mais remota.

5. Luzia, a primeira "brasileira"?

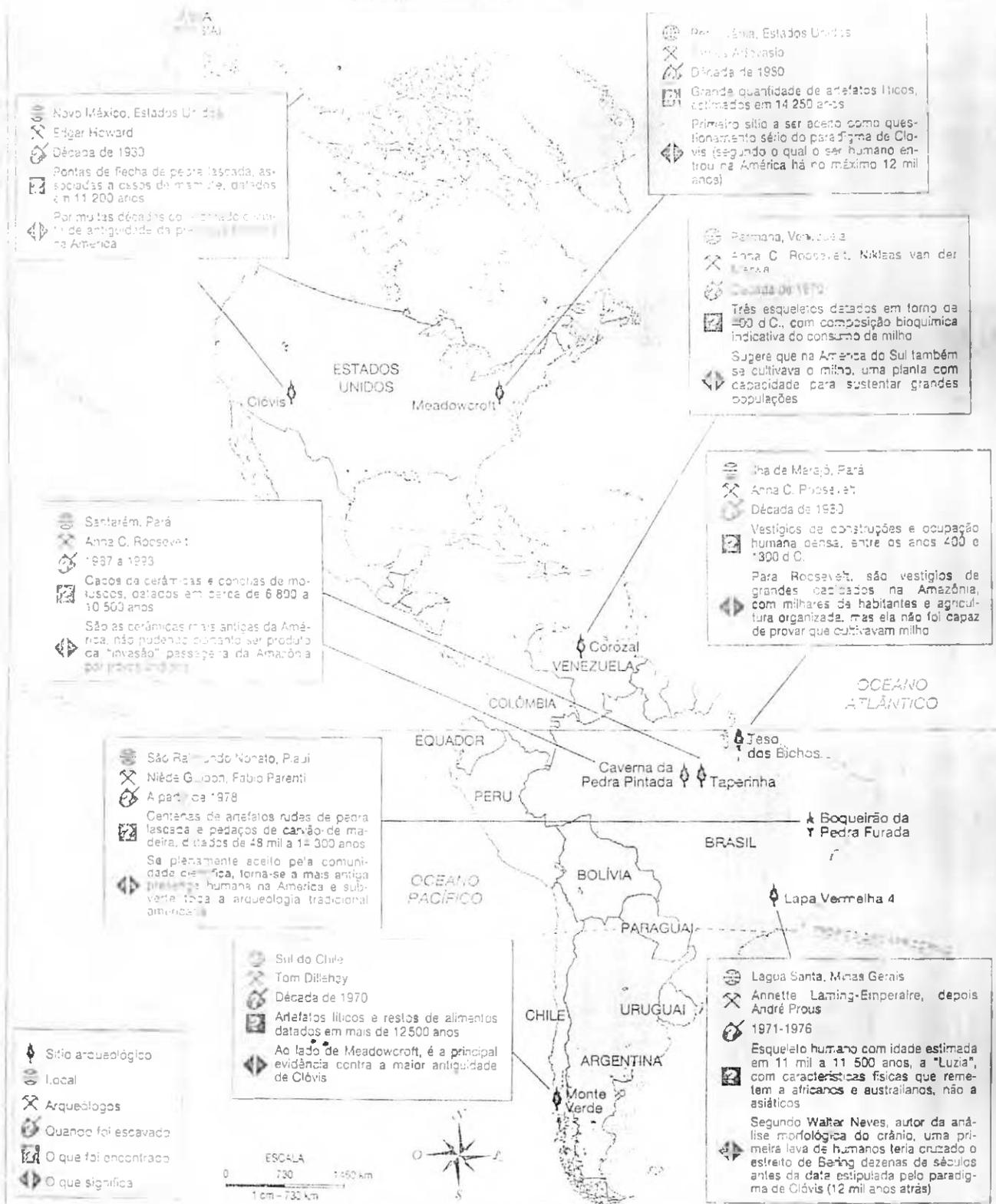
Em 1975, foi desenterrado em Lagoa Santa, local próximo de Belo Horizonte, Minas Gerais, o mais antigo fóssil humano já encontrado no continente americano. Ele foi localizado no interior de uma caverna, a 13 metros de profundidade.

Como já vimos, pelo exame do fóssil foi possível saber que se tratava de uma mulher, com altura aproximada de 1,5 metro e que deve ter falecido com pouco mais de 20 anos de idade, há cerca de 11,5 mil anos.

Estudado recentemente por uma equipe chefiada pelo pesquisador Walter Neves, da Universidade de São Paulo (USP), o fóssil revelou dados desconcertantes. Após inúmeros estudos e comparações com outros fósseis, inclusive europeus e asiáticos, os pesquisadores concluíram que Luzia apresenta traços anatômicos que se diferenciam dos de outros habitantes já conhecidos do continente americano, incluindo os índios. Enquanto estes possuem características típicas dos povos mongolóides da Ásia, Luzia apresenta traços negróides, muito mais próximos dos africanos e mesmo dos povos da Austrália.

Esses dados podem mudar radicalmente muitas das teorias a respeito da chegada dos primeiros seres humanos ao continente americano.

Sítios arqueológicos da América



Fontes: 1. *Science*, 13 dez. 1991, p. 1621; 2. *New Scientist*, 24 jun. 1995, p. 31; 3. *Bild der Wissenschaft*, nov. 1992, p. 43; 4. *Genetics and Molecular Biology*, 1999, v. 22, p. 461-9; 5. Barkley, W. K. & Hooters, J. W., eds. *The Emergence of Pottery*, 1995, p. 115-31; 6. Poutis, G. G. & Albert, B., eds. *Archaeology in Latin America*, 1999, p. 216-43.

Adaptado de: *Folha de S. Paulo*, 19 mar. 2000. Caderno Mais, p. 8.

6. Novas pesquisas, novas hipóteses

Alguns estudiosos começam a admitir que os povoadores da América tenham chegado em diferentes e sucessivas levas ao continente.

Em 1986, três pesquisadores norte-americanos conceberam um modelo para explicar a ocupação da América por meio de três ondas migratórias. A primeira teria dado origem a todos os índios da América do Sul, da América Central e de parte da América do Norte. A segunda teria resultado nos grupos nômades da região noroeste da América do Norte. A terceira seria aquela que originou os *inuits* (esquimós).

Nesse modelo, porém, não há ainda lugar para Luzia e seus parentes. Por essa razão, Walter Neves e outros pesquisadores estudam a hipótese de ter havido uma quarta onda migratória. Para eles, Luzia seria descendente de um grupo aparentado dos atuais aborígenes australianos, que teriam migrado da Ásia.

A tese tem sido reforçada pela descoberta, em várias partes do continente, de outros fósseis com as características de Luzia. Esses grupos humanos, entretanto, não sobreviveram. A hipótese levantada é de que eles teriam sido exterminados por grupos mais fortes ou mais numerosos que teriam chegado posteriormente e dado origem aos indígenas atuais.

ORGANIZANDO O ESTUDO

♦ ♦ ♦ Análise ♦ ♦ ♦

1. Faça um resumo das principais discussões existentes em torno do povoamento da América.
2. Descreva as circunstâncias em que os primeiros povoadores da América atravessaram o estreito de Bering, no extremo norte do continente americano.
3. Qual o argumento dos arqueólogos para recusar a datação do sítio de Pedra Furada, pretendida pela equipe coordenada por Niède Guidon?

♦ ♦ ♦ Trabalho interdisciplinar ♦ ♦ ♦

4. Pesquisadores de várias áreas do conhecimento dedicam-se a desvendar os primeiros passos dos seres humanos na

América. São historiadores, arqueólogos, antropólogos, biólogos e muitos outros. Procure saber a contribuição de algumas dessas áreas para esses estudos.

♦ ♦ ♦ Síntese ♦ ♦ ♦

5. Elabore um quadro com os principais sítios arqueológicos americanos citados neste capítulo. Coloque dados referentes ao país onde se localizam, aos vestígios encontrados, à data das evidências mais antigas e comentários sobre sua importância.

LEITURA E DEBATE

O povoamento da América

Vimos ao longo deste capítulo que é intenso o debate sobre a chegada dos primeiros povoadores do atual território brasileiro. Entretanto, para resolver a questão existe um grande obstáculo: as características ambientais da região, que não favorecem a preservação dos vestígios de nossos primeiros ancestrais, como mostra o texto a seguir.

Os sítios arqueológicos são locais onde foram preservados vestígios reconhecíveis da presença e das atividades humanas. Estando tais condições raramente reunidas, as chances de um local de ocupação ser preservado e encontrado pelos arqueólogos depois de milênios de abandono são sempre reduzidas. As primeiras ondas de imigrantes devem ter sido formadas por populações muito esparsas, e as probabilidades de seus sítios serem encontrados são estatisticamente ainda menores. Os vestígios ósseos (restos alimentares ou de sepultamentos) conservam-se particularmente mal em regiões quentes, onde a atividade bacteriana ou a ação de raízes é intensa e os solos são geralmente ácidos. Além disso, em regiões tropicais onde há uma abundância de madeira, a maior parte dos vestígios são levados embora pelo fogo ou por esse tipo de

Os primeiros povoadores podem até ter dispensado instrumentos de pedra, praticamente indestrutíveis e que formam os vestígios mais visíveis nos sítios de regiões frias. Mas veremos que os supostos sítios arqueológicos americanos apresentam vestígios que podem ser atribuídos tanto à ação dos seres humanos quanto aos fenômenos naturais.

(Adaptado de: André Prous. O povoamento da América visto do Brasil: uma perspectiva crítica. Revista da USP, jun./jul./ago. 1997, p. 11.)

Sobre o texto

1. Por que na região do atual Brasil são difíceis de se encontrar vestígios das populações mais antigas?
2. Comente as dificuldades encontradas pelos pesquisadores para justificarem suas teorias de ocupação da América em um tempo superior há 11,5 mil anos.
3. Converse com seus colegas: vocês consideram possível que os pesquisadores encontrem fósseis na América com idade

O Egito

No nordeste do continente africano, ao longo das margens do rio Nilo, constituiu-se uma das mais duradouras e exuberantes sociedades da história.

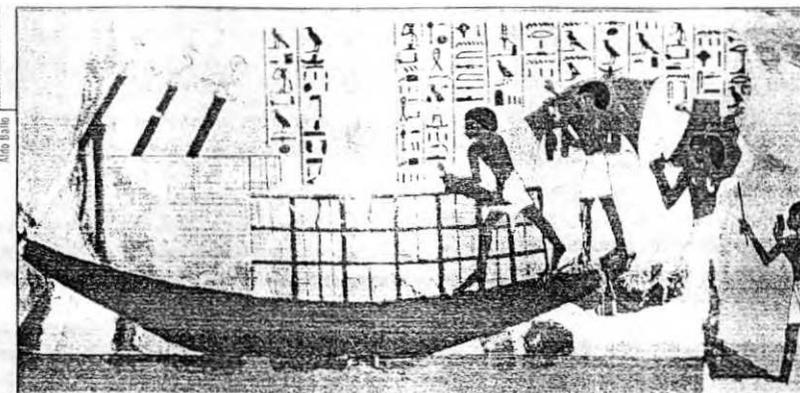
Ainda hoje a cultura egípcia continua a despertar admiração, interesse e curiosidade. História

riadores, arqueólogos caçadores de tesouros, simples curiosos. Muitos são os que procuram saber mais a respeito da sociedade que construiu pirâmides colossais e que desenvolveu inúmeros conhecimentos utilizados até os dias de hoje.

Data reflecte e discute

A imagem mostra um afresco encontrado em uma tumba tebana construída na XVIII dinastia. A cena retrata um carregamento de trigo e cevada em embarcação fluvial. Segundo os hieróglifos gravados sobre esses cereais estavam destinados ao abastecimento de um templo. Os egípcios eram exímios navegadores fluviais

e utilizavam o Nilo como importante via de transporte. A agricultura era a principal atividade produtiva e toda a sociedade estava marcada por uma profunda religiosidade. Observe a cena e faça uma descrição dela. Depois de estudar o capítulo, elabore um texto comentando características da sociedade egípcia que podem ser observadas nessa imagem.



Afresco egípcio encontrado em uma tumba de Tebas.

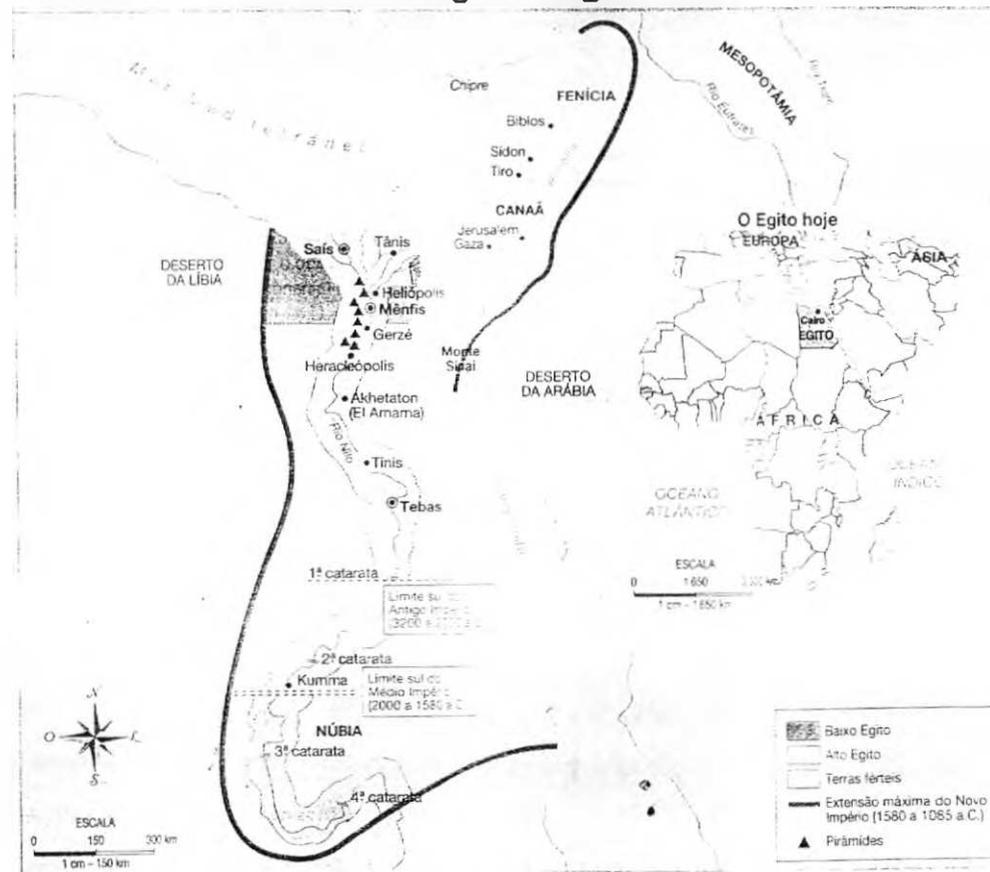
1. O meio geográfico

As cheias periódicas do rio Nilo transformam o Egito numa espécie de oásis em meio ao deserto do nordeste africano. Elas são provocadas por chuvas abundantes que caem na nascente do rio no interior do continente, e chegam ao Egito depois de atravessar uma extensão de terra de mais de 5 mil quilômetros.

Com as cheias, as águas inundam uma grande extensão das margens e formam uma espécie de limo, o húmus, que torna as terras muito férteis.

Desde o período Neolítico, os grupos humanos que viviam nessa região perceberam que poderiam tirar proveito disso. Aprenderam que ao serem plantados logo após o recuo das águas, os vegetais cresciam rapidamente e podiam ser colhidos antes do início da nova enchente.

O Egito Antigo



Fontes: 1 - Pierre & Blasselle, René. Atlas Bordas géographique et historique. Paris, Bordas, 1972. 2 - as - Historique - Histoire de l'humanité. Paris - Hachette, 1967.

e canais, aprenderam a controlar e a aproveitar ao máximo as inundações para o desenvolvimento da agricultura.

A importância das águas do rio Nilo para a população que vivia em suas margens era tal que os egípcios consideravam o rio um de seus deuses. No século VI a.C., o historiador grego Heródoto, refletindo sobre essa condição, chegou a afirmar que o Egito era uma "dádiva do Nilo".

2. O estudo do Egito

Desde o quarto milênio a.C., os egípcios desenvolveram um complexo sistema de escrita, chamada hieroglífica. Os hieróglifos, palavra grega que significa caracteres sagrados, eram constituídos de pequenos desenhos com múltiplos significados.

Quando escritos sobre papiro — uma espécie de papel que os egípcios fabricavam a partir de uma planta de mesmo nome que crescia em abundância no vale do Nilo —, os hieróglifos tinham de ser abreviados, originando uma escrita simplificada que se deu o nome de hierática. Por fim, os egípcios desenvolveram o demótico, que é uma forma mais popular de escrita, proveniente de uma simplificação da forma hierática.

Com a conquista do Egito Antigo por diversos povos a partir de 525 a.C., esses sistemas de escrita acabaram correndo o risco do esquecimento. Foi somente no século XIX que pesquisadores europeus se puseram a estudar os registros escritos do Oriente antigo. Em 1822, um professor de história, o francês Jean François Champollion, conseguiu decifrar os hieróglifos.

Champollion tomou como base a Pedra de Roseta, que

contém um único texto, datado de 190 a.C., escrito em três sistemas de notação: hieroglífico, demótico e grego. Partindo do grego, uma língua que já conhecia, Champollion conseguiu identificar as mesmas palavras nas outras duas escritas e, assim, pôde determinar o significado de cada uma das grafias.

Valendo-se dos conhecimentos obtidos com essa interpretação, outros estudiosos passaram a se dedicar ao estudo mais detalhado dos hieróglifos, bem como dos templos, dos túmulos, dos baixos-relevos e das pinturas. Dessa forma tornou-se possível ampliar o conhecimento sobre diversos aspectos da sociedade egípcia. Essas pesquisas deram origem à *egiptologia*, área do conhecimento que estuda o Egito Antigo.

3. A era dos faraós

Por volta do quarto milênio a.C., existiam no vale do Nilo pequenas comunidades chamadas de *nomos*, cada uma delas chefiada por um líder, chamado *nomarca*. A fim de obter melhor aproveitamento das cheias do grande rio, tais comunidades se uniam para efetuar a construção de diques e de canais de irrigação.

Com o tempo, os agrupamentos acabaram originando a formação de dois reinos distintos, correspondentes ao Alto e ao Baixo Egito.

O Alto Egito ficava ao sul, era o extenso vale ao longo das margens do Nilo. O Baixo Egito, ao norte, organizava-se em torno do delta formado pelo rio ao desaguar no mar Mediterrâneo (ver mapa da página 9).

Por volta de 3200 a.C., Mênfis, soberano do Alto Egito impôs a unificação dos dois reinos, tomando para si o título de *faraó*.

A partir desse momento, pode-se dividir a história do Egito Antigo em quatro longos períodos, nos quais os faraós conseguiram manter o poder.

Antigo Império (cerca de 3200-2000 a.C.) Durante a maior parte desse período, o centro administrativo do Egito era a cidade de Mênfis, localizada no delta do Nilo. Dessa cidade os pesquisadores não encontraram vestígios, nem mesmo ruínas. Dentre os faraós mais conhecidos dessa fase, encontram-se Quéops, Quéfren e Miquerinos. Foram eles que mandaram construir, para servir-lhes de túmulos, as grandes pirâmides da planície de Gizé (cerca de 2600 a.C.). A partir de 2350 a.C., lutas entre os líderes dos *nomos* e desorganização do poder central geraram crises que acabaram por enfraquecer a autoridade do faraó.

Médio Império (2000-1580 a.C.) O poder do faraó foi restaurado por governantes do Alto Egito. Dessa vez, o centro administrativo se estabeleceu em Tebas. Seguiu-se um longo período de relativa prosperidade que durou cerca de quatrocentos anos, até a invasão dos hicsos. Utilizando armas e recursos de guerra desconhecidos dos egípcios, esse povo, proveniente da Ásia ocidental, dominou e subjugou o Egito durante quase duzentos anos. Nesse mesmo período, os hebreus também se instalaram na terra dos faraós.

Novo Império (1580-1085 a.C.) Período iniciado com a expulsão dos hicsos por soberanos do Alto Egito, que restabeleceram a autonomia na região e consolidaram a autoridade do faraó sobre todo o território. Nesse período, ocorreram os governos dos faraós Tutmés III e Ramsés II, que converteram o Egito, durante algum tempo, na região mais poderosa do Crescente Fértil. O comércio se expandiu, tanto por terra como por mar, tendo chegado até a ilha de Creta. Nessa época, foram construídos os templos de Luxor e Carnac.

A partir do século XII a.C., teve início um período de enfraquecimento do poder dos faraós, ocasionado por disputas internas. Desestabilizado o poder central, o Egito sofreu sucessivas invasões, culminando com a conquista do Império pelos assírios, em 671 a.C.

Renascimento Saíta (663-525 a.C.) Príncipes de Saís, cidade localizada no delta do Nilo, lideraram os egípcios na expulsão dos assírios e possibilitaram, mais uma vez, o fortalecimento da sociedade egípcia. A estabilidade durou pouco, entretanto. Um importante faraó desse período foi Necaó, que tentou unir o mar Mediterrâneo ao mar Vermelho por meio de um canal. Por sua ordem, ainda, navios egípcios, comandados por um capitão fenício, realizaram uma viagem de circunavegação do continente africano.

Em 525 a.C., os persas dominaram o Egito, a partir de então, não conseguiram mais recuperar sua autonomia. Depois do domínio persa, o território seria sucessivamente conquistado pelos gregos e pelos romanos.

4. A organização social

A sociedade egípcia estava dividida em camadas sociais, entre as quais havia profundas diferenças. Todo o poder estava centralizado nas mãos do faraó, que era considerado um deus. Chamamos essa forma de governo *teocracia*. O faraó era o grande sacerdote, o chefe dos exércitos, o juiz. Como soberano absoluto de todo o território, dominava os grupos sociais, organizando e administrando todas as atividades econômicas.

Os *sacerdotes* constituíam uma categoria poderosa e influente, em razão da importância da religião para os egípcios. Como guardiões dos templos, eles recebiam e administravam as oferendas feitas aos deuses pela população.

Os parentes do faraó e os *altos funcionários* formavam uma espécie de *nobreza*. Os últimos administravam, em nome do faraó, as quarenta e duas províncias (ou *nomos*) unificadas do Egito.

A administração complexa e centralizada exigia, contudo, enorme quantidade de funcionários, encarregados de cobrar impostos, fiscalizar obras e acompanhar trabalhos agrícolas em toda a extensão do Império. Por essa razão, os *escribas*, aqueles que aprendiam a lidar com números e a manejar a complicada escrita egípcia, exerciam uma função destacada na sociedade. Após um longo treinamento ao lado dos sacerdotes, o escriba podia ascender socialmente e exercer altos cargos religiosos ou administrativos.

Uma parte da população era constituída por *artesãos*, que trabalhavam, geralmente, nos ofícios gerados pela construção de templos e túmulos. Eram, entre outros, tecelões, marceneiros, sapateiros, pedreiros, ferreiros, pintores, escultores, perfumistas, ourives.

A maior parte da população era constituída por *camponeses*, que trabalhavam nas terras pertencentes ao faraó, aos templos e aos nobres. Eles deviam entregar ao senhor da terra parte de sua colheita ou dos animais que criavam. Além disso, deviam trabalhar na construção e manutenção dos canais e dos diques.

As atividades econômicas

A economia era controlada pelo faraó, dono nominal da maioria das terras. Grande parte das atividades produtivas era organizada e administrada por ele, desde o planejamento e a construção de canais e diques para a irrigação das terras até o armazenamento e a distribuição da produção.

A principal atividade era a agricultura. A produção agrícola, de modo geral, estava voltada para suprir as necessidades da população. Cabia aos funcionários do soberano guardar uma parte dessa produção para ser distribuída em períodos de escassez.

A pecuária era uma atividade importante, embora restrita aos templos que possuíam grandes extensões de terra.

A construção de embarcações, a tecelagem do linho, a cerâmica, a metalurgia e a vidraria (foram os egípcios os inventores do vidro) eram outras importantes atividades realizadas pelos egípcios.

O comércio existia, mas foi mais intensamente praticado durante o Novo Império. Nesse período, os comerciantes egípcios negociavam com povos de regiões distantes, como da Mesopotâmia e das ilhas do mar Egeu.

A escolha do melhor ofício

Os escribas, compenetrados da própria importância, julgavam a sua profissão muito superior à dos trabalhadores manuais. Exemplo disso é o texto a seguir, escrito por um velho escriba, que procura influenciar seu filho na escolha do melhor ofício:

Não tens uma ideia da vida do camponês que cultiva a terra? O coletor das finanças acha-se no caos ocupado em recolher os dízimos das colheitas. Tem consigo gente armada de bastão, negros munidos de ripas de palmeira. Todos gritam. Vamos, os grãos! Se o camponês não os tem, atiram-no ao chão (...); arrastam-no ao canal, onde o mergulham de cabeça para baixo (...).

O artesão não é mais feliz do que o camponês. O pedreiro, dir-te-ei como a doença o espreita, pois está exposto a todos os ventos, sobre as vigas do andaime, pendurado nos capitéis como lótus; seus dois braços gastam-se no trabalho, suas vestes em desordem, não se lava senão uma vez por dia. Quando consegue pão, regressa à casa e bate em seus filhos (...). O tecelão não arreda de sua casa; seus joelhos estão à altura do estômago; se deixar de fabricar um só dia a quantidade regulamentar, é atado como os lótus dos pântanos.

Mas, a profissão de oficial do exército será mais tentadora? Vem, que eu te contarei a sorte de um oficial do exército. Levam-no ainda criança e encerram-no na caserna. Logo, o seu ventre estará todo gretado e os seus supercílios fendidos, a sua cabeça, uma chaga. Estendem-no e espancam-no como a um papiro. Queres que te conte agora a sua companhia em lugares longínquos? Leva os viveres e a água ao ombro como a carga de um burro, a sua espinha parte-se. Bebe água podre. Deve constantemente montar guarda. Chega diante do inimigo? É um pássaro que treme. Volta ao Egito? É apenas um velho pedaço de pau raiado pelos vermes.



Representação de celeiro para a guarda de tributos pagos ao Estado. Os tributos eram pagos *in natura* e recolhidos aos muitos celeiros existentes. Por isso, era necessária uma grande estrutura administrativa, na qual os escribas desempenhavam papel fundamental. No canto direito inferior, podemos perceber um desses funcionários anotando as sacas de cereais depositadas.

(Adaptado de Gator Dez e A. Weller. Oriente e Ocidente. São Paulo, Mestre Jou, 1964, p. 47)

A religião

A religiosidade constituiu, sem dúvida nenhuma, o traço mais marcante da sociedade egípcia. Como inúmeros povos da Antiguidade, os egípcios eram politeístas, ou seja, adoravam diversos deuses. De um modo geral, esses deuses cor-

respondiam às forças naturais. Os principais deuses eram Rá (o Sol) e Osiris (o Nilo). Animais como o boi, o crocodilo, o gato e o falão eram considerados sagrados.

Algumas divindades locais ganhavam expressão em todo o Egito quando a cidade em que eram adoradas se tornava o centro administrativo. Foi o que aconteceu com Tebas, por exemplo, a partir de Médio Império. O deus local Amon foi identificado com Rá, dando origem ao culto a Amon-Rá.

A história de Osiris

Os egípcios criaram muitos histórias que tentavam explicar os fenômenos naturais que os rodeavam. Um dos mitos egípcios mais conhecidos reúne Osiris, Hórus e Isis.

Osiris — deus da fertilidade e juiz dos mortos, representado pelo rio Nilo — era um soberano bom que havia ensinado à população a agricultura e a metalurgia. Sua esposa e irmã Isis — deusa da natureza, representada pela terra fecundada pelo Nilo — havia ensinado as artes domésticas e a tecelagem.

Após o retorno de uma viagem, Osiris foi assassinado por seu irmão Seth, deus dos ventos do deserto, que o colocou num cofre e jogou-o no rio. Isis achou o corpo e restituiu a vida ao marido. Entretanto, contudo, Osiris foi novamente morto por Seth, entalhado e jogado ao rio. Mais uma vez, Isis reencontrou o corpo do marido e dessa vez o embalsamou. Após resuscitá-lo, deu-lhe um filho chamado Hórus.

Depois do nascimento do filho, Osiris deixou a terra indo reinar no mundo dos mortos. Hórus, ao se tornar adulto, matou Seth e se tornou o senhor de todo o Egito.

Nesse mito, a morte e a ressurreição de Osiris simbolizam as enchentes anuais do Nilo, fertilizadoras do solo.

Expressão às forças naturais por meio da pintura e da arquitetura, a grandiosidade da arte egípcia ainda hoje nos impressiona. As proporções da pirâmide de Quéops, para citar um exemplo, com 146,6 metros de altura, constitui o mais colossal monumento do Mundo Antigo.

Graças ao trabalho minucioso dos artesãos egípcios, os templos, as colunas e os túmulos tinham as paredes inteiramente decoradas com hieróglifos e desenhos pintados ou esculpidos.



Representação de deuses egípcios no espalho do trono do faraó Tutancâmen. A rigidez nas figuras humanas na arte egípcia tinha um objetivo específico: buscava-se registrar o que há de imutável no ser humano.

Os saberes

Os egípcios desenvolveram significativamente várias áreas do conhecimento.

As áreas em que mais se destacaram foram a astronomia e a geometria. A necessidade de prever as enchentes do Nilo e de executar obras para o aproveitamento das águas do rio levou-os à observação dos astros e à construção de fórmulas para medir superfícies. Utilizavam a soma, a subtração e a divisão.

Além disso, criaram um calendário solar, no qual o ano, de 365 dias, era dividido em doze meses de trinta dias cada, ao qual acrescentavam cinco dias festivos.

ORGANIZANDO O ESTUDO

• • • Análise • • •

1. Escreva um texto comentando como as condições geográficas influenciaram a formação da sociedade egípcia.
2. Um conquistador árabe disse que o Egito foi sucessivamente "um campo de poeira, um mar de água doce e um cantilão de flores". Que momentos da sociedade egípcia podem estar referidos nessa frase?
3. Observando os mapas das páginas 17 e 19, procure explicar o relativo isolamento da sociedade egípcia na Antiguidade.

• • • Trabalhando o contexto • • •

4. No Egito Antigo, o faraó concentrava todo o poder, comandando a religião, os exércitos, a economia etc. Em grande

parte, esse poder estava fundamentado na crença de que ele era um deus. Escreva um texto comparando o poder do faraó no Egito Antigo e o poder dos governantes brasileiros nos dias de hoje.

• • • Síntese • • •

5. Sob a orientação de seu professor, reúna-se com um grupo de colegas e monte um linha do tempo sobre a história do Egito Antigo.

LEITURA E DEBATE

Desenterrando o passado

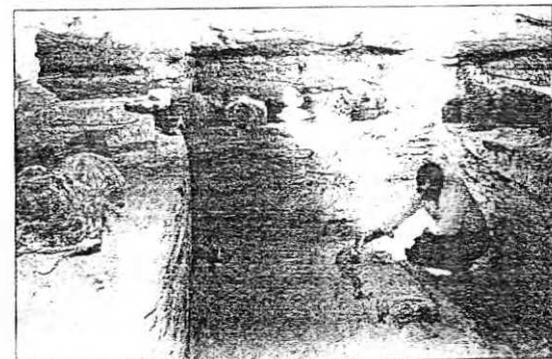
Um grande cemitério descoberto há três anos no oásis de Bahariya, a 70 quilômetros do Cairo, escondido hoje a amostra mais bem preservada do que era a vida no Egito, há cerca de 2 mil anos. Ali estão cerca de 10 mil corpos mumificados de homens, mulheres e crianças que levavam para o túmulo sinais da ostentação que exibiam durante a vida.

Nas quatro tumbas exploradas até agora, os arqueólogos encontraram 105 múmias de famílias inteiras. Alguns corpos estavam envolvidos em peças de linho, muitos eram adornados com máscaras douradas e pinturas em papel feito de linho e papiro. A decoração era caprichada, tomou-se o cuidado de diferenciar os adornos de cada múmia encontrada nas tumbas. As máscaras serviam como substituto da cabeça dos mortos e marcavam cada indivíduo com os atributos dos deuses, para que fosse favorecido na passagem para a outra vida.

As múmias já estudadas em Bahariya são dos primeiros séculos da era cristã, mas os arqueólogos acreditam que o sítio do cemitério é mais antigo, provavelmente da época de Alexandre, o Grande, morto em 323 a.C.

Já se sabe que as práticas funerárias em Bahariya se parecem com aquelas adotadas pelos romanos em um posto militar recentemente escavado a quase 200 quilômetros de Luxor (sul do Egito). Tanto em um como em outro local, os egípcios, sob influência romana, pareciam dar maior importância à decoração das tumbas do que à preservação dos corpos mumificados. Mais de 100 tumbas esperavam para revelar segredos.

(Adaptado de: Martha San Juan Franca. A mina de múmias. Revista Época, 30 ago. 1999.)



Arqueólogo remove poeira de uma das múmias encontradas no oásis de Bahariya, Egito. A fotografia permite perceber o extremo cuidado com que é realizado o trabalho de escavação. Qualquer descuido pode não só danificar o objeto, mas também significar a perda de preciosas informações.

Sobre o texto

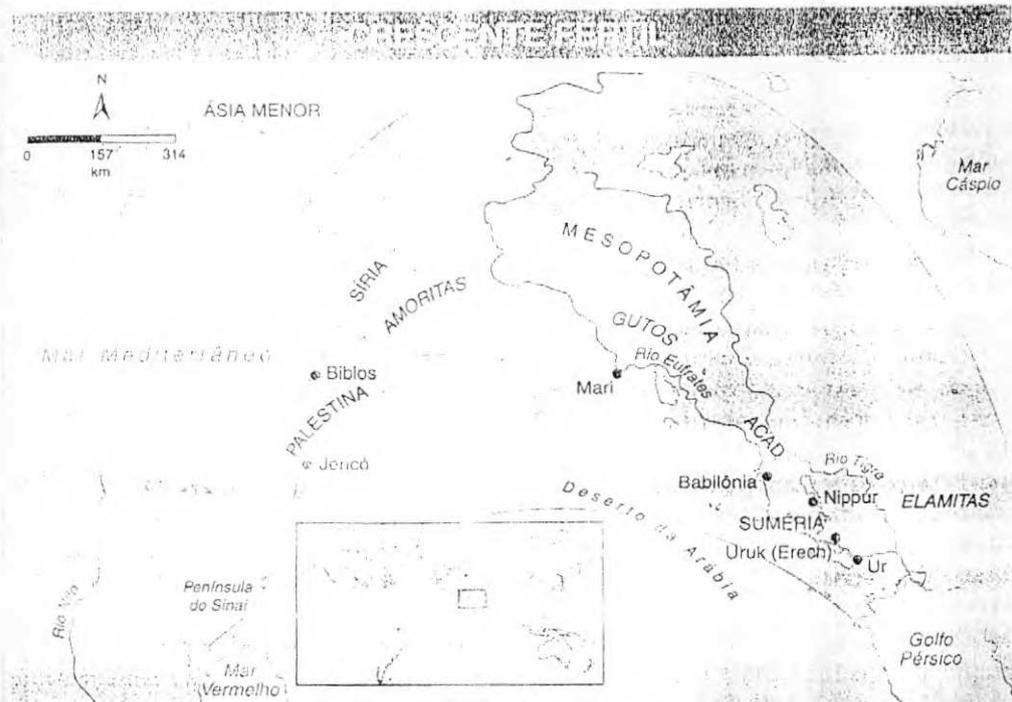
1. Na sua opinião, a que condição social pertenciam os corpos mumificados encontrados no oásis de Bahariya? Justifique.
2. Que cuidados eram tomados com os mortos, segundo as pesquisas realizadas em Bahariya?
3. Calcula-se que o sítio arqueológico de Bahariya tenha sepulchros realizados durante o domínio romano no Egito. Lembrando o texto do capítulo, o que teria mudado nos costumes religiosos egípcios entre um momento e outro? O que teria permanecido?



2 ANTIGUIDADE NO ORIENTE PRÓXIMO – MESOPOTÂMIA

introdução

Como já vimos na Unidade I, o processo de organização dos primeiros núcleos urbanos humanos ocorreu no Oriente Próximo, na região do Crescente Fértil e no Egito. Mesopotâmia (a palavra significa “entre rios”) era uma área situada entre os rios Tigre e Eufrates, onde hoje se localiza grande parte do território do Iraque. Fisicamente, podemos dividi-la em Alta Mesopotâmia ou Assíria (região montanhosa e árida, ao norte) e Baixa Mesopotâmia ou Caldéia (ao sul, com terras ricas e férteis).



Economia e sociedade

Desde o Paleolítico vários povos já habitavam essa região, que recebeu também inúmeros imigrantes vindos da Ásia: os sumérios, acádios, amoritas, assírios e caldeus foram os que mais se destacaram, organizando grandes civilizações. A organização política dessas sociedades não se sustentava em um forte Estado centralizador. Apesar de algumas tentativas nesse sentido, a estrutura política da Mesopotâmia baseou-se fundamentalmente em pequenos Estados independentes que, entretanto, mantinham fortes relações econômicas e homogeneidade cultural (língua, hábitos, costumes, etc.).

O trabalho de controle das cheias do Tigre e do Eufrates e de construção de sistemas de irrigação era fundamental para a sobrevivência das populações da região e gerou a necessidade de uma organização coletiva. Essas atividades eram exercidas por homens livres e por escravos que tinham alguns direitos definidos em lei (por exemplo, os escravos, apesar da sua condição, poderiam casar-se com mulheres livres e acumular bens).

Todo esse esforço coletivo para o abastecimento de água visava ao desenvolvi-

mento da agricultura (cevada, trigo, árvores frutíferas, legumes, etc.), principal atividade econômica da região. A exploração da terra na Mesopotâmia baseava-se em um complexo sistema de propriedade, segundo o qual a posse privada ainda não era exercida na plenitude. De modo geral, a propriedade da maioria das terras era dos templos e do Estado, que as distribuíam para rendeiros (pagavam aluguel em moeda), colonos (pagavam em mercadorias) e funcionários públicos (pagavam em serviços).

Contudo, o artesanato (cerâmica, metais, tecidos, etc.) e, principalmente, o comércio consistiam também em ricas atividades econômicas. O intenso comércio na região colaborou para a normatização de leis escritas, padrões de medida, de troca, peso, ajudou a estabelecer atividades financeiras, etc. Com o tempo, o comércio e os comerciantes alcançaram destaque na sociedade mesopotâmica, determinando algumas transformações.

O controle político era exercido por um líder que obrigatoriamente também era o chefe religioso (*patesi*) e responsável pelo templo (*zigurate*). Diferente do Egito, onde o chefe do Estado era visto como um deus, na Mesopotâmia ele era apenas represen-



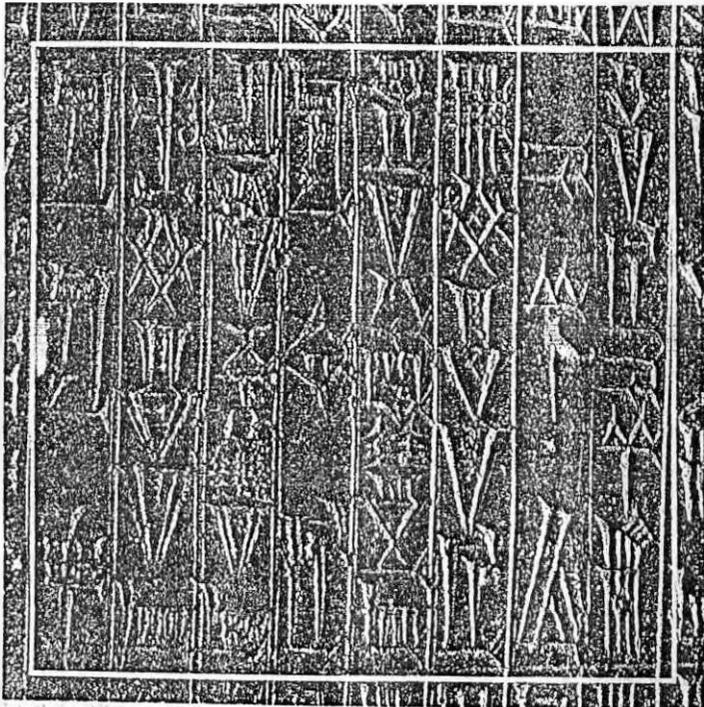
tante dos deuses na Terra e mantinha um grupo de sacerdotes para ajudá-lo a administrar a cidade. Estabeleceu-se, assim, uma íntima relação, muito presente e forte nesse período da história, entre o poder político e o religioso; um não existia sem o outro.

A organização da sociedade mesopotâmica dava-se a partir de uma divisão básica entre os chefes religiosos e sacerdotes (no comando), os ricos comerciantes e proprietários, homens livres mas sem posses e os escravos.

As atividades administrativas das cidades (arrecadação de impostos, obras públicas), o trabalho coletivo (organizado e unificado) e o intenso comércio foram importantes para o gradativo desenvolvimento da escrita, da matemática, do calendário e das leis, dos padrões monetários, de peso e medidas. Todas essas normas eram registradas por meio da escrita cuneiforme: os símbolos eram gravados em pedaços de barro úmido e mole, que depois secavam e endureciam ao sol. Esse processo de registro alterou radicalmente as formas de transmissão de conhecimentos, causando uma verdadeira "revolução cultural".



Detalhe de um trecho do Código de Hamurabi, em escrita cuneiforme.



O poder político

O quadro político na Mesopotâmia sempre foi muito instável em razão das disputas e confrontos entre as diversas cidades e povos da região. Por ser também uma área muito fértil em meio a uma vasta região desértica, ela atraía constantes invasões de povos nômades. Assim, ao longo do tempo alguns povos e cidades destacaram-se e assumiram um relativo poder durante determinado período.

Os sumérios: precursores

Foram os sumérios os organizadores da primeira civilização no sul da Mesopotâmia, mais ou menos em 3500 a.C. Eles desenvolveram a escrita cuneiforme e técnicas para armazenar e transportar água. Fundaram algumas cidades importantes, como Uruk, Lagash e Nipur, que viviam em constante conflito.

O enfraquecimento político dos sumérios, decorrente da desunião, permitiu que povos semitas vindos do norte, da cidade de Acad, invadissem a região.

Os acádios e a unificação do Império

Por volta de 2300 a.C., Sargão, governante de Acad (Akkad), invadiu a região Sul, conquistando quase toda a Mesopotâmia. Na realidade, foi a primeira tentativa de unificação do poder na região. A duração desse Império foi extremamente curta: terminou logo após o reinado de Sargão com a invasão de diversos povos, em especial os amoritas.

O Império Babilônico

Os amoritas estabeleceram-se na cidade de Babilônia e implantaram uma forte dinastia, inaugurada por Hamurabi (1792-1750 a.C.). Ele exerceu o poder de forma autoritária e estabeleceu o primeiro código de leis escritas; baseado nas tradições sumérias, o Código de Hamurabi fortalecia o poder do Estado.

Após sua morte, o Império Babilônico não resistiu ao confronto com as cidades

vizinhas e às invasões de outros povos, como os assírios.

Os assírios, povo guerreiro

O enfraquecimento dos babilônios permitiu que os assírios, vindos do norte, conquistassem toda a Mesopotâmia por volta do século XII a.C. Povo guerreiro, dotado de um forte e organizado exército, expandiu suas fronteiras e manteve o poder pela força. Como os sumérios e amoritas, porém, não resistiria às revoltas internas e à pressão externa de outros povos. Nínive, sua capital, foi arrasada em 606 a.C.

Os caldeus e o Novo Império Babilônico

A verdade de Babilônia volta a centralizar o cenário político mesopotâmico, agora sob o domínio dos caldeus. A Babilônia retoma seu esplendor no reinado de Nabucodonosor, tornando-se o maior centro comercial e cultural do Oriente Médio. O enriquecimento permitiu que fossem construídos inúmeros palácios, templos e outras obras públicas, como os famosos jardins suspensos da Babilônia. Após a morte de Nabucodonosor, o Novo Império Babilônico entrou em decadência, sendo conquistada pelos persas em 539 a.C.

TRABALHO COM TEXTO

Leia com atenção os trechos do Código de Hamurabi, considerado o primeiro conjunto de leis escritas da história, e responda às questões propostas.

O direito babilônico: Artigos do Código de Hamurabi

Quando Marduk me instituiu governador dos homens para os conduzir e dirigir, estabeleci a Lei e a Justiça sobre a Terra, para o bem do povo.

Se um mercador pediu emprestado trigo ou prata a um mercador e não tem trigo ou prata para pagar mas tem outros bens, deve mostrar tudo o que tem perante testemunhas e dará do que possui ao seu prestamista. O mercador prestamista não pode recusar.

Se um homem toma uma mulher e não se estabeleceu um contrato, então essa mulher não é esposa.

Se um homem tomou uma criança para adotar com o seu próprio nome, e a educou, este filho adotivo não pode ser reclamado.

Se um homem cegou o olho de um homem livre, o seu próprio olho será cego.

Se um homem cegou o olho de um plebeu, ou quebrou-lhe o osso, pagará uma mina de prata.

Se cegou o olho de um escravo, ou quebrou-lhe um osso, pagará metade do seu valor.

Se um homem tiver arrancado os dentes a um homem da sua categoria, os seus próprios dentes serão arrancados.

Se um médico tratou, com faca de metal, a ferida grave de um homem e lhe causou a morte ou lhe inutilizou o olho, as suas mãos serão cortadas.

Se um médico tratou, com faca de metal, a ferida grave de um escravo e lhe causou a morte, ele dará escravo por escravo.

Se um construtor fizer uma casa e esta não for sólida e caindo matar o dono, este construtor será morto.

(Apud Chilperic Edwards. *The world's earliest laws*. Coletânea de Documentos Históricos. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação/CENP, 1980.)

1. O Código de Hamurabi procurava legislar sobre quais atividades da vida humana?
2. Quais as características mais evidentes das leis contidas no Código?
3. Baseado nos artigos do Código de Hamurabi, discuta o princípio "olho por olho, dente por dente".

ANEXO 05- TEXTOS UTILIZADOS NA 7ª SÉRIE

Napoleão, o agente da Revolução

O filho da Revolução

Napoleão era um general do Exército francês. Um general como poucos. Como militar, Napoleão se envolvia com a Revolução Francesa desde o início. Sua genialidade militar cedo se manifestou. Em 1793, sob seu comando, as tropas francesas derrotaram as inglesas e as expulsaram da França. Admirados com tal feito, o promoveram a general. E ele ainda não tinha sequer 26 anos.

A burguesia o temia pela sua simpatia às causas populares. Por isso, ele foi destituído da posição de general quando ela retomou o poder, em 1795.

A habilidade tática do jovem militar, no entanto, não permitiu que ele fosse ignorado quando surgiram novas guerras no final do século XVIII. Como vimos no capítulo anterior, diversos países europeus se organizaram para novas tentativas de invasão da França e restauração do regime monárquico.

Em 1796, Napoleão foi enviado para o combate das forças austríacas sediadas na Itália. Seu desempenho foi espetacular. Os austríacos foram derrotados, uma grande parte do território italiano foi conquistada, e ele ainda obrigou o papa a assinar um tratado de paz. O povo francês vibrava com a audácia de seu jovem combatente.

Depois de todas essas peripécias, Napoleão investiu contra o Egito. Sua intenção era clara com esse ataque: o Egito era uma colônia inglesa, e invadi-lo seria atingir a própria Inglaterra. Depois de sofrer algumas derrotas no mar, Napoleão conseguiu ocupá-lo com grandes vitórias em terra.

Ao retornar a França, Napoleão foi recebido como um grande herói nacional. Era, então, o grande orgulho do povo francês e representante maior de seus valores, ideais e conquistas.

A ascensão meteórica de Napoleão e o tratamento que lhe foi dado pelo povo podem nos revelar alguma coisa sobre a Revolução Francesa. Alguns detalhes aparentemente irrelevantes são, muitas vezes, fundamentais para compreender o sentido maior das mudanças provocadas por eventos de grandes proporções para uma sociedade, como aconteceu no caso da Revolução. No Antigo Regime, seria improvável que alguém como Napoleão, que não possuía origem aristocrática, ascendesse tanto, ocupando altos postos no Exército.

Napoleão foi um dos muitos cidadãos franceses beneficiados pela Revolução Francesa. Ao abolir o antigo critério aristocrático, que estabelecia o nascimento e a riqueza como critérios de escolha e seleção para postos públicos, a Revolução promovia mudanças profundas na sociedade. O princípio da igualdade de todos os cidadãos perante a lei seria uma característica fundamental da República francesa e inspiraria a constituição de todos os países democráticos do planeta.

Tendo um gigantesco prestígio popular e um exército fiel sob seu comando, Napoleão logo passaria a ser visto pelo governo burguês como um poderoso trunfo para a manutenção de seus interesses. Lembremos que a França não enfrentava apenas as agressões externas, mas passava por diversos problemas sociais, que colocavam a população em posição de hostilidade ao governo.

Setores importantes da burguesia eram sensíveis à instabilidade da situação. Percebiam que a sua continuidade no poder dependeria de uma hábil estratégia política, que fosse capaz de acalmar os ânimos acirrados de uma população descontente e faminta. Assim, a burguesia estimulou Napoleão a tomar o poder. Em 9 de novembro de 1799, com apoio do Exército, o jovem general tomou o poder.



Napoleão: a Revolução permitiu que ele chegasse ao topo do poder.

ANA THEA
321-8299
Ada Célia

5

5

5

Napoleão, progresso na economia

Napoleão governou a França como primeiro-cônsul de 1799 a 1804. Apesar de procurar manter a prezada imagem do regime republicano, conquistada pela Revolução, o Consulado possuía um conteúdo centralizador e tirânico de fazer inveja a qualquer rei absolutista. Era Napoleão quem nomeava os administradores e juizes dos departamentos – divisão administrativa da França correspondente aos nossos estados –, conseguindo, assim, estender seu controle sobre todo o país.

Os poderes extraordinários de Napoleão foram garantidos por uma constituição elaborada por uma assembléia que lhe era submissa.

Durante os primeiros dez anos do governo de Napoleão, um clima de euforia parecia ter tomado conta dos franceses. A economia apresentava altas taxas de crescimento. O índice de desemprego caiu. Os agricultores ficaram satisfeitos por haver mercados consumidores para sua produção. A França começava a fazer sua revolução industrial.

Napoleão criou todas as condições para que os negócios da burguesia prosperassem. Ele conseguiu a simpatia de todas as classes sociais da sociedade francesa.

Aos camponeses, Napoleão garantiu que ninguém tiraria suas terras. Drenou pântanos, construiu estradas e, assim, a produção podia ser escoada mais facilmente. Para financiar a produção agrícola, Napoleão fundou um banco. A agricultura francesa começou a se modernizar.

Aos operários e a outros trabalhadores urbanos, Napoleão garantiu a normalização do abastecimento de alimentos, com um significativo aumento da produtividade no campo.

Criou o ensino público e combateu a corrupção no governo.

Ninguém tinha mais motivos para se alegrar com o governo de Napoleão do que a burguesia. Fazer da França a maior potência econômica era o principal objetivo de Napoleão. Os banqueiros, os grandes comerciantes e os industriais foram os principais beneficiados pelo governo de Napoleão.

Em 1804, numa cerimônia celebrada pelo papa, Napoleão concedeu a si mesmo o título de imperador. Aproveitando-se da enorme admiração popular que possuía, o jovem general tornou-se Napoleão I.

Napoleão acelerou o desenvolvimento capitalista francês financiando os investimentos privados. Para isso, aumentou a arrecadação de impostos. Para propiciar maiores lucros aos empresários, impediu que os empregados fizessem greves. O trabalhador que tentasse criar um sindicato para defender seus direitos podia ser preso.

Não foi por acaso que no código civil napoleônico, de 1804, dos 2.000 artigos, 800 fossem relativos à propriedade privada, enquanto apenas sete tratavam do trabalho. No governo de Napoleão, a economia francesa cresceu bastante. Não faltavam empregos, alimentos, escolas, e os negócios iam de vento em popa.

Napoleão, retrocesso na política

Apesar do caráter inovador e audacioso que o governo de Napoleão imprimia à economia francesa, o mesmo não parecia ocorrer na esfera política. Seu governo em muito se assemelhava ao absolutismo, que ele ajudou a combater. Evidentemente, não podemos afirmar que a França de Napoleão era absolutista, pois agora havia a Constituição. Todos deviam obediência a ela, inclusive Napoleão. A Câmara dos Deputados – espaço decisório dos representantes do povo – também é uma instituição que não poderia existir sob o absolutismo. No entanto, Napoleão não governava com o auxílio das instituições democráticas criadas pela Revolução. Ele concentrava muito o poder em suas mãos.

Muitas das liberdades conquistadas com a Revolução Francesa foram abolidas por Napoleão. A censura tornou-se ativa. Os jornais publicavam apenas o que o governo permitia. As pessoas não eram livres para se organizar e reivindicar seus



Napoleão imperador.
O filho da Revolução
com poderes de um
rei absoluto

direitos. Em todas as escolas, os professores deviam ensinar as crianças a amar o imperador.

Mesmo com tudo isso, Napoleão era um herói para o povo. A vitória da França sobre os exércitos de vários outros países orgulhava a nação.

p. 68

O homem das mil vitórias

As guerras foram uma constante na época de Napoleão. Em 1799, quando ele tomou o poder, teve de assumir o comando das forças francesas. Nesse momento, a França estava sendo atacada pelos exércitos da Inglaterra, da Áustria e da Rússia. Como vimos anteriormente, muitos outros países europeus viviam sob monarquias absolutistas e temiam que o regime político instaurado pela Revolução Francesa se espalhasse.

A Inglaterra, por sua vez, tinha um motivo diferente para combater a França, pois era uma monarquia constitucional e

não absolutista. Sendo um país capitalista desenvolvido, não interessava à Inglaterra que a França alcançasse o mesmo nível de desenvolvimento industrial e econômico que o dela, tornando-se uma incômoda rival no mercado internacional.

Sob a liderança de Napoleão, os exércitos franceses esmagaram as forças estrangeiras, obrigando ainda a Rússia a assinar um armistício. Diante da derrota dos seus aliados, a Inglaterra se viu obrigada, em 1802, a assinar um acordo com Napoleão. Nesse acordo, a Inglaterra cedia algumas colônias para a França.

A paz não durou muito. As vitórias militares de Napoleão tinham feito da Europa um mercado para os produtos franceses. Essa situação agradava muito à burguesia francesa, mas não à burguesia da Inglaterra. Uma nova guerra era inevitável. Com a ajuda da Áustria, da Rússia e da Suécia, a Inglaterra recomeçou os conflitos.

Napoleão, no entanto, surpreendeu a Europa novamente. Mesmo enfrentando exércitos bem maiores e mais poderosos que o dele, Napoleão saiu vencedor. Invadiu a Áustria. Derrotada a Áustria, invadiu a Prússia. Derrotada a Prússia, ele se preparou para invadir a Rússia. Não foi preciso. A Rússia não só se rendeu como também se dispôs a ajudar a França na guerra contra a Inglaterra. A Europa Oriental estava conquistada. Era o apogeu do império napoleônico.

Inglaterra, o inimigo invencível

Restava a Inglaterra. Vencê-la militarmente, porém, era mais difícil. Por ser uma ilha, só podia ser invadida por mar. Napoleão sabia que a Marinha inglesa era imbatível. Imaginou então um meio para derrotar a Inglaterra sem usar os seus canhões. O plano foi o seguinte: ele decretou, em 1806, que nenhum país da Europa poderia comerciar com a Inglaterra. Foi o denominado Bloqueio Continental. Sem ter para quem vender seus produtos, a economia inglesa se arruinaria.

O plano tinha tudo para dar certo. No início, todos os países pareceram aderir. Entretanto, logo Napoleão percebeu que as mercadorias inglesas estavam chegando ao continente através de Portugal. Para resolver esse problema e fazer o Bloqueio Continental funcionar, Napoleão decidiu invadir Portugal. D. João, então regente, amedrontado, fugiu para o Brasil.

Essa é a GUERRA TEMPORÁRIA HOSTILIDADE

EUROPA NAPOLEÔNICA



A Portugal Portugal Portugal p. 20 (3)

Com a invasão da Espanha e de Portugal, o império napoleônico assumiu dimensões gigantescas. O continente europeu estava curvado diante dos exércitos de Napoleão.

4 } Nas terras conquistadas, Napoleão acabava com muitos dos privilégios dos nobres e da Igreja. Ele procurava fazer com que esses países se espelhassem na França, ou seja, seguissem o modelo político e social nascido com a Revolução Francesa. A burguesia e vários grupos sociais dos países invadidos saudavam a entrada dos exércitos napoleônicos. Eles viam na ocupação francesa a possibilidade de destruição do absolutismo e dos privilégios da nobreza e do clero em seus países. E Napoleão o fazia realmente. Derrubava reis e criava as condições para a instauração de regimes constitucionais.

Para os franceses, esses eram dias de glória. O imperador da França era também o senhor da Europa.

Muitas vitórias, muitos inimigos

Controlar o continente europeu era uma tarefa bem mais difícil do que Napoleão podia imaginar. Em poucos anos, as forças que o apoiavam passaram a se opor à sua dominação.

Muitos dos habitantes dos países conquistados, que inicialmente tinham aplaudido Napoleão, logo pegaram em armas contra ele. A estratégia de Napoleão era a de colocar reis da sua confiança nos países conquistados. Por mais progresso que esses reis pudessem trazer, eles não deixavam de ser intrusos.

A manutenção do domínio francês tornava-se cara demais para os cofres nacionais, pois era necessário um exército cada vez mais poderoso para garantir as conquistas.

O império francês não estava ameaçado apenas pela resistência popular nos países conquistados. A burguesia desses países também começava a protestar. A economia francesa era incapaz de oferecer mercadorias com a qualidade e os preços dos produtos ingleses.

O solo espanhol defendido com ferocidade. Goya retratou assim



A burguesia, predominantemente comercial, desses países se aliou à nobreza e à Igreja para o combate à dominação napoleônica.

8 } Havia também um outro forte motivo para isso: a Inglaterra – que dominava os mares no período com sua poderosa frota naval – ameaçava promover a independência das colônias daqueles países que prestassem apoio à França.

Assim, por exemplo, os comerciantes e a nobreza da Rússia romperam com o bloqueio e voltaram a comerciar com a Inglaterra. Em 1812, Napoleão mandou um gigantesco exército para conquistar sua antiga aliada. Apesar de conquistar Moscou, foi impossível para ele se estabelecer, pois os russos haviam incendiado a cidade. Ao regressar, as tropas francesas enfrentaram o rigoroso inverno russo, a fome e os ataques da guerrilha russa. Mais da metade dos soldados de um exército de 500.000 homens morreram.

Os inimigos de Napoleão perceberam que esse era o momento de reagir. A Prússia, a Áustria, a Inglaterra e a Rússia formaram um grande exército e, em 1813, derrotaram Napoleão. No ano seguinte, conquistaram Paris e destronaram o imperador. No lugar dele, colocaram Luís XVIII, irmão do rei derrubado pela Revolução Francesa. A nobreza sonhava em restaurar a antiga situação.

Napoleão, que depois da derrota tinha sido mandado para Elba, uma ilha do Mediterrâneo, fugiu e voltou para a França. O povo o aclamou. Em pouco tempo, ele reuniu um exército e retomou o poder. Luís XVIII fugiu.

Waterloo sepultou os sonhos napoleônicos



Os aliados que tinham derrotado Napoleão prepararam-se para enfrentá-lo novamente. Sem tempo e sem recursos para organizar um exército tão competente como o que tinha antes, ele foi derrotado, em 1815, na **Batalha de Waterloo**.

A estrela de Napoleão deixara de brilhar. Derrotado, foi mandado para o exílio em Santa Helena, uma ilha do Atlântico, onde morreu, em 1821.

O fim do império napoleônico significou a restauração do poder da nobreza e da Igreja na França e em todos os territórios que Napoleão havia conquistado. O fim desse império, entretanto, não representou o fim de tudo aquilo que foi criado pela Revolução Francesa.

A idéia de uma administração moderna e eficiente, em que os funcionários eram contratados pela capacidade e não mais pela origem social, perdurou. Os valores revolucionários também contribuíram para que muitos povos lutassem contra a opressão feudal e a dominação cultural da Igreja. Tanto é assim que ainda hoje vivemos as palavras de ordem da Revolução Francesa – liberdade, igualdade e fraternidade.

Atividades

Assimilando conceitos

1. O *poder político* de Napoleão foi reforçado pelo medo da burguesia. Explique como isso ocorreu.
2. Copie uma frase do texto para mostrar que o *poder* de Napoleão não se apoiava apenas na burguesia.

TRABALHANDO O PROCESSO HISTÓRICO

3. Aponte medidas tomadas por Napoleão que beneficiaram:
 - a) a burguesia;
 - b) os operários e demais trabalhadores urbanos;
 - c) os camponeses.
4. As conquistas napoleônicas espalharam pela Europa o modelo político e social nascido com a Revolução Francesa. Copie o parágrafo do texto do capítulo que mostra como isso ocorreu.

5. Napoleão foi uma das pessoas beneficiadas pela Revolução Francesa. Por quê?

6. A Inglaterra e as monarquias absolutas da Europa eram inimigas da França, mas não pelas mesmas razões. Aponte os motivos:

- a) das monarquias absolutas;
- b) da Inglaterra.

7. Em relação ao Bloqueio Continental, explique:

- a) por que, apesar do poder do seu exército, Napoleão não recorreu a ele para derrotar a Inglaterra;
- b) as razões do seu fracasso.

8. O domínio francês sobre os países conquistados foi ficando cada vez mais difícil. Por quais motivos?

9. Napoleão, como vimos, foi um filho da Revolução Francesa. Liberdade, igualdade e fraternidade foram o lema dessa Revolução. Na sua opinião, Napoleão foi fiel a esses princípios? Justifique a sua resposta.

10. Crie um epitáfio para colocar no túmulo de Napoleão.

11. Na coroação de Napoleão e de sua mulher, Josefina, consta que ele não esperou o papa colocar a coroa na sua cabeça. Quebrou a tradição coroando a si mesmo e a sua mulher. Como você interpretaria esse gesto?

12. Assim como a Inglaterra no início do século XIX, existe um país da América que, atualmente, sofre um bloqueio econômico. Faça uma pesquisa e descubra:

- a) qual é esse país;
- b) quem estabeleceu o bloqueio;
- c) qual o motivo alegado para o bloqueio.

13. Faça uma pesquisa sobre o movimento feminista e depois responda: existe alguma relação entre esse movimento e os princípios de igualdade, liberdade e fraternidade da Revolução Francesa?

OPINANDO
E
CRIANDO

PESQUISANDO

A família real na colônia tropical

Melhor perder o país do que a vida

Houve um tempo, nos séculos XVIII e XIX, em que os comandantes dos navios de guerra tinham de afundar junto com eles, caso naufragassem. Quando o navio era bombardeado e começava a afundar, a tripulação abandonava o navio. O comandante, não. Era uma demonstração de bravura e de honra.

Também se esperava que, quando um país fosse invadido, o rei permanecesse junto do povo para comandar a resistência aos invasores. O rei representava a nação e devia estar com ela nos bons e nos maus momentos.

Não foi o que d. João fez. Em 1807, Napoleão Bonaparte invadiu Portugal. O motivo era que Portugal estava desobedecendo ao bloqueio econômico contra a Inglaterra. As tropas francesas entraram, e d. João saiu. Fugiu para o Brasil. Não veio sozinho. Com ele, vieram nobres, padres, militares e funcionários da corte. A elite portuguesa abandonou o país. Ela, que vivia à custa dos impostos pagos pelo povo, abandonou esse povo à sua própria sorte. D. João, na verdade, não era rei, mas regente. Isso porque



Cândido Portinari - detalhe do painel 'Chegada da família real portuguesa a Bahia, 1952'. Bairro de Bahia

a mãe dele, d. Mariana I, a verdadeira rainha de Portugal, era considerada louca e estava impedida de governar.

A vinda da corte ao Brasil representou um fato inédito na história dos povos da Europa: 15.000 portugueses abandonaram a metrópole e vieram morar na colônia.

Os navios portugueses vieram protegidos por uma frota de navios ingleses. Uma proteção que custaria muito caro a Portugal e ao Brasil.

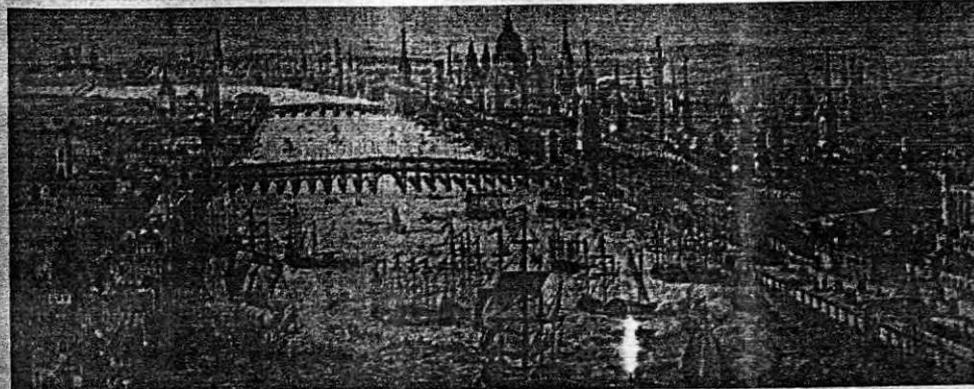
Uma forte amizade ou um amigo muito forte?

Já vimos anteriormente que desde o final do século XVII Portugal se curvara aos interesses ingleses. Essa relação de submissão fazia a Inglaterra enriquecer enquanto Portugal empobrecia.

Os governantes ingleses e portugueses diziam, nessa época, que seus países estavam unidos por uma forte amizade.

Quando Napoleão decretou o Bloqueio Continental, a Inglaterra apelou para a "amizade" de Portugal. Esse apelo, no entanto, foi acompanhado de uma grave ameaça: caso Portugal cedesse às pressões de Napoleão – que impunha a proibição de comercializar com os ingleses –, a Inglaterra iria estimular a independência do Brasil. Perder a colônia deixava os portugueses apavorados, pois o lucro que deixariam de ter com a exploração do Brasil seria muito grande. Desse modo, Portugal preferiu continuar aliado à Inglaterra e não obedeceu ao Bloqueio Continental promovido pela França.

Navios, comércio e prosperidade na metrópole londrina. Os tratados com Portugal ajudaram muito



Londres. Gravura do século XVII

Em outros tempos, a Inglaterra não daria tanta importância ao Brasil. Mas agora, impedida de comerciar com a Europa, todos os mercados deveriam ser aproveitados.

Novas concessões foram feitas. Em 1810, Portugal e a Inglaterra assinaram três tratados, extremamente benéficos aos ingleses. Entre outras coisas, eles garantiam que as mercadorias importadas da Inglaterra pagariam impostos menores do que as importadas de Portugal. Os produtos ingleses pagariam 15%, e os portugueses, 16%.

Tais tratados permitiam também que a Inglaterra extraísse madeiras brasileiras para a construção de seus navios. Garantiam ainda que os ingleses que morassem no Brasil não estariam sujeitos às leis portuguesas, mas às leis inglesas. Muitas outras vantagens foram concedidas à Inglaterra. Ironicamente, o nome de um desses tratados era Aliança e Amizade.

1

2

3

2

Thomas Ender: Biblioteca Nacional



Esses tratados ampliaram a influência inglesa sobre o Brasil. Os produtos ingleses, impedidos de entrar na Europa, abarrotaram o mercado brasileiro. Para ajudar o "amigo inglês", passamos a importar até mesmo produtos que não tinham a menor utilidade no Brasil (patins próprios para o gelo, por exemplo).

Esses tratados – todos eles lesivos para os interesses de Portugal e do Brasil – provocaram muitos protestos aqui. Os comerciantes portugueses não admitiam o tratamento especial dado aos produtos ingleses, que se tornavam mais baratos que os deles por causa das baixas taxas alfandegárias concedidas à Inglaterra. Os privilégios legais que os ingleses residentes no

Brasil possuíam também irritavam muito os brasileiros. D. João, no entanto, era incapaz de contrariar a Inglaterra: fazia tudo o que ela pedia.

Com a corte morando aqui, para que os monopólios?



J. B. Debret: Biblioteca Nacional

O monopólio comercial que obrigava os brasileiros a negociar apenas com os portugueses era – juntamente com os impostos que pagávamos à Coroa – garantia de rendas importantes para Portugal e seus comerciantes.

Quando a família real e a administração portuguesa vieram para o Brasil, criou-se uma situação estranha. Por que manter o monopólio se os comerciantes portugueses já não tinham mais condições de vender mercadorias para o Brasil? A ocupação napoleônica tornava impossível o comércio entre Portugal e sua colônia.

Isso colocava sérios problemas para a sustentação financeira da Coroa. A arrecadação de impostos caíra muito com o comércio paralisado. A solução foi abolir o monopólio comercial e, com isso, conseguir novos parceiros comerciais.

Em 1808, d. João decretou a abertura dos portos brasileiros às nações amigas. Por esse decreto, qualquer país poderia mandar navios comerciar nos portos brasileiros. Entretanto, a única "nação amiga" era a Inglaterra, pois, como vimos anteriormente, os outros países europeus estavam sob ocupação francesa.

D. João e seus funcionários sabiam que, quanto mais a economia brasileira se desenvolvesse, mais impostos a Coroa poderia arrecadar. Exatamente por isso, ele ordenou, em 1808, simultaneamente ao decreto de abertura dos portos, que se retirasse a proibição de montar manufaturas no Brasil. Agora, por essa decisão, era possível instalar fábricas na colônia.

O decreto que permitia a produção de manufaturas aqui agradou a alguns e desagradou a outros. Os brasileiros, que passaram a comprar de outros países também, ficaram satisfeitos. Com o fim do monopólio, os produtos importados passaram a custar mais barato. Os comerciantes portugueses, contudo, ficaram desapontados, pois perderam o monopólio do comércio e com ele parte importante de seus lucros.

Pouco a pouco, foi caindo grande parte dos monopólios e privilégios que a metrópole desfrutava. Em termos econômicos, respirava-se um clima de liberdade. Nem parecia que o Brasil era uma colônia.

Rio de Janeiro, a Lisboa tropical

Desde 1763, o Rio de Janeiro já era a capital do Brasil. Estimulado pela necessidade de melhor controlar as atividades mineradoras, Portugal havia transferido a capital de Salvador para o Rio. Ali se alojaram os milhares de portugueses que fugiram com d. João.



Sátira do beija-mão na corte portuguesa do Rio de Janeiro. D. João se adaptou bem ao Brasil

Para os padrões europeus, o Rio de Janeiro era uma pequena cidade. Em 1800, Lisboa tinha 217.000 habitantes. O Rio, apenas 50.000. O Rio deslumbrava os europeus pelas be-

lezas naturais, mas os aborrecia pela insalubridade e falta de programas culturais.

Os pobres viviam no centro da cidade, em pequenas casas com apenas uma janela. Já os ricos fugiam da confusão e miséria do centro e buscavam áreas mais afastadas e mais agradáveis, onde habitavam verdadeiros palacetes e eram servidos por muitos escravos.

Os artesãos, os ambulantes e os empregados do comércio eram os pobres das cidades. Eles levavam uma vida modesta e lutavam com dificuldade para sobreviver. Os funcionários públicos, pequenos comerciantes, professores, padres formavam uma classe média e tinham um padrão de vida um pouco melhor.

Os fazendeiros, os grandes comerciantes, os traficantes de escravos, os altos funcionários públicos compunham a camada rica da população colonial dessa época. Eles desfrutavam ótimas condições de vida. Vestindo-se com roupas europeias, consumindo apenas produtos importados, eles procuravam se parecer com os ricos europeus. Na verdade, ter hábitos e gostos semelhantes aos europeus era algo que os enobrecia e os tornava distintos do restante da população.

D. João preocupou-se muito em dar uma aparência europeia ao Rio de Janeiro. Criou escolas para educar os filhos dos ricos e da classe média. Criou a Real Biblioteca, importando milhares de livros da Europa.

Revogando os decretos colonialistas, permitiu a livre impressão de jornais e livros na colônia. Ele próprio criou a Imprensa Régia. As tipografias criadas foram responsáveis pela publicação de muitos livros. É bem verdade que não havia liberdade de imprensa, pois o governo proibia a publicação de livros que atacassem o governo, a religião e os valores morais mais respeitados da época, os "bons costumes". De qualquer maneira, a existência da imprensa já era em si um grande avanço.

D. João instalou um grande hospital para cuidar da saúde da população carioca. Criou o Jardim Botânico, que, além de



Procissão no Rio de Janeiro. Nessas ocasiões, a elite se aproximava do povo

p.23
(6)

p.22
(5)

ser um parque de rara beleza, servia para a realização de experiências sobre a adaptação de plantas estrangeiras ao clima brasileiro, que eram de grande importância para a agricultura.

As artes também foram muito incentivadas com a vinda de d. João ao Brasil. Ele tinha grande simpatia pela música e por isso estimulou e financiou diversos espetáculos de ópera e balé. Assim, um tipo de música não-religiosa começou a ser apreciada no Brasil. Para que as companhias de balé e ópera tivessem um lugar para se apresentar, d. João criou, em 1813, o teatro São João, atual João Caetano.

p.69



Arquivo RJ, c.1817 (Iconografia)

Muitas vezes, não conseguimos perceber a importância das realizações de d. João no Rio de Janeiro. Para conseguir perceber essa importância, basta lembrar que o Rio, na época, tinha apenas 50.000 habitantes. Imagine uma cidade do interior com esse mesmo número de habitantes. Introduza 15.000 estrangeiros com hábitos sofisticados. Construa escolas, hospitais, teatros, bibliotecas. Funde um jornal e crie um banco. A cidade mudou muito, não é verdade? Pois bem, foi justamente o que aconteceu no Rio de Janeiro com a chegada de d. João.

Aquela que era uma calma e pacata cidade colonial transformou-se, em pouco tempo, numa cópia de cidades européias.

Os proprietários rurais da região, que antes preferiam ficar em suas fazendas, construíram casas na cidade e nelas passavam agora boa parte do tempo.

A circulação dos jornais, a impressão de livros, a presença de professores e artistas estrangeiros estimularam o debate entre as pessoas. As notícias e os livros chegados da Europa eram lidos avidamente. Estava se formando uma elite intelectual no Brasil.

O Brasil virou reino, mas continuou colônia

Com a queda de Napoleão, os países europeus que o haviam derrotado se reuniram para decidir os rumos políticos que haveriam de seguir. A reunião foi na cidade de Viena e ficou conhecida como Congresso de Viena. Napoleão, com suas conquistas, tinha embaralhado o mapa da Europa. O Congresso decidiu que os países deveriam voltar a ter as mesmas fronteiras de antes das guerras napoleônicas e que os reis depostos por Napoleão deveriam ser reconduzidos a seus tronos.

Os países vitoriosos, na sua maioria absolutistas, temiam que as idéias iluministas que a Revolução Francesa havia ajudado a propagar atingissem os seus domínios. Para impedir isso, a Áustria, a Prússia e a Rússia fizeram um pacto militar, que ficou conhecido como Santa Aliança.

A Santa Aliança se propunha a combater, pela força das armas, os movimentos liberais, onde quer que surgissem. Esses movimentos eram chamados de liberais porque propunham a liberalização dos regimes absolutistas. Não eram contra os governos monárquicos, mas lutavam para que as liberdades conquistadas pelos indivíduos na Revolução Francesa fossem efetivadas em seus países. Isso significava a criação de regimes constitucionais, onde todos, inclusive o rei, deveriam respeitar uma constituição que garantisse os direitos individuais de cada um. Nessa fórmula política, que a França conhecia desde 1789, o povo passava a ser o novo soberano, através da ação de seus representantes.

D. João sabia da grande simpatia que as colônias americanas tinham pelas idéias



J.B. Debret - Retrato de d. João VI, 1816. Museu Histórico Nacional, RJ



liberais. Receou que elas ganhassem força no Brasil. Lembrou-se de Tiradentes, morto por defender essas idéias

Ele recordou que em 1798, na Bahia, aconteceu um movimento denominado Revolta dos Alfaiates. Esse movimento, que reuniu centenas de pessoas, defendia o fim da escravidão, a separação do Brasil de Portugal e a proclamação da República. D. João sabia que, embora os líderes desse movimento tivessem sido mortos pelas autoridades portuguesas, as idéias não morrem tão facilmente quanto os homens.

Olhando para a América espanhola, viu que muitas colônias estavam se libertando. Tudo isso o preocupava, pois sabia que, se essas idéias ganhassem força no Brasil, elas gerariam um grande movimento contra o domínio de Portugal. Numa tentativa de reduzir as pressões que se formavam contra a presença portuguesa na colônia, d. João tomou uma atitude de grandes implicações políticas: elevou, em 1815, o Brasil à categoria de Reino Unido a Portugal. O Brasil passava a ser, pelo menos no nome, igual a Portugal.

Os brasileiros exultaram. No entanto, essa medida não livrava o Brasil do domínio político da metrópole. O fato de ser, a partir de então, um reino não tinha efeitos para além do papel.

Os portugueses, por sua vez, sabiam claramente que Portugal continuaria a mandar no Brasil. Mas, mesmo assim, viam nesse ato uma diminuição do seu prestígio. Além disso, pressentiam que a elevação do Brasil à categoria de reino indicava que d. João não tinha a intenção de voltar para Portugal.

Eles tinham muito interesse em que d. João retornasse para a metrópole. Acreditavam que com o retorno tudo voltaria a ser como antes. O monopólio do comércio seria restabelecido e o Brasil voltaria à condição anterior, de simples colônia.

Por isso, começaram a pressionar para que d. João voltasse para Portugal. Com a morte da mãe, d. Maria I, em 1816, d. João, de regente, passa a ser d. João VI, rei de Portugal, Brasil e Algarves. Com isso, as pressões aumentaram.

Muita pressão em cima de d. João

Em 1817, eclodiu em Pernambuco um grande movimento liberal, que tinha como um dos objetivos a independência do Brasil. Esse movimento ficou conhecido como Revolução Pernambucana.

Pernambuco nunca recuperou a antiga prosperidade. A decadência vinha desde que os holandeses tinham sido expulsos do país. Nessa época, era o maior produtor e exportador de açúcar do mundo. Essa capitania voltou a conhecer a euforia econômica quando a atividade mineradora de ouro estava em alta, na região das minas, mas, com o declínio dessas atividades, a economia pernambucana voltou a enfraquecer.

Parte importante da população de Recife – particularmente os fazendeiros, comerciantes brasileiros e demais setores da classe média – estava muito insatisfeita com a situação que se criara. Reclamava-se dos altos impostos e também do controle sobre a venda de escravos e alimentos, que era dado aos comerciantes portugueses. Os privilégios concedidos aos portugueses faziam com que estes fossem vistos como exploradores e opressores.



Cais do Trapiche, Recife. Por esse porto, entravam idéias perigosas

F.H. Cairns. Museu do Estado, PE

Pelo porto de Recife, além de mercadorias, entravam idéias liberais. Havia muitas sociedades secretas que se reuniam para discutir e propagar essas idéias. Esses liberais pernambucanos tinham os Estados Unidos como modelo a ser seguido.

O governador de Pernambuco recebeu denúncias sobre o movimento liberal que começava a se formar e mandou prender os implicados. Entretanto, dois oficiais portugueses encarregados dessa missão foram mortos. Um clima de grande euforia tomou conta de todos que se sentiam oprimidos pelos portugueses e a revolta ganhou as ruas. O governador fugiu e os revoltosos tomaram o poder.

J.a



Os revoltosos implantaram o primeiro governo nacional brasileiro. Criaram leis inspiradas na Revolução Francesa e pretendiam proclamar a República. Declararam-se separados de Portugal. A Paraíba logo os seguiu. O Ceará, a Bahia e o Rio Grande do Norte caminharam na mesma direção.

D. João VI reagiu prontamente. Organizou um exército e uma esquadra para acabar com a revolta. Essa não era uma

tarefa fácil, pois os revoltosos conseguiram armar 3.000 pessoas. Os revoltosos resistiram bravamente, mas a superioridade numérica das tropas repressoras não lhes permitiu a vitória.

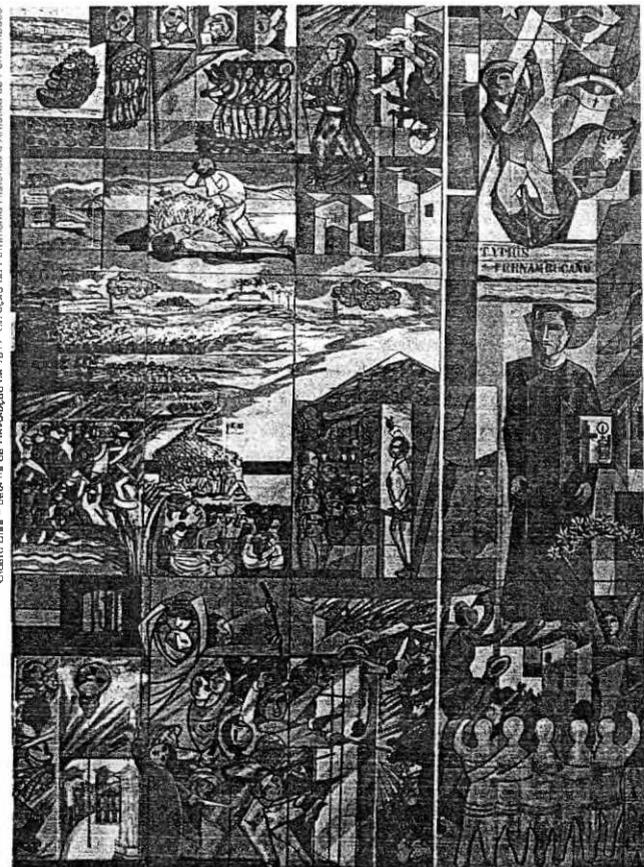
Com a debelação da revolta, o mais pesado dos castigos se abateu sobre os líderes do movimento. Dezenas de pessoas foram executadas e esquartejadas.

Além das revoltas no Brasil, em 1818, começaram a surgir associações secretas de caráter liberal também em Portugal. O principal alvo dessas associações era o absolutismo de d. João VI. Elas queriam limitar o poder dele e obrigá-lo a obedecer a uma constituição.

O movimento liberal foi crescendo em Portugal. A cada dia, era maior o número de simpatizantes. Em 1820, o movimento já estava bastante forte.

Apoiados pelas tropas e pela população, os líderes liberais tomaram o poder. Esse movimento ficou conhecido como Revolução Liberal do Porto.

De posse do poder, os revoltosos tomaram algumas medidas liberais. Convocaram os representantes do povo e votaram uma constituição baseada nas idéias da Revolução Francesa. Eles também exigiram a volta imediata de d. João VI. Ele continuaria rei, mas não governaria mais segundo a sua vontade.



Frei Caneca. Idéias liberais contra a corte portuguesa

Deveria obedecer à Constituição e ao Parlamento português.

Diante dessa pressão, em 1821, d. João VI voltou para Portugal. O mesmo rei que em 1807 veio obrigado para o Brasil agora voltava obrigado para Portugal.

Parecia que o tempo dos reis estava acabando.

Atividades

Assimilando conceitos

- O *absolutismo* da monarquia portuguesa foi contestado, no Brasil e em Portugal, por movimentos inspirados no *liberalismo*. Explique essa contestação a partir de dois exemplos:
 - Revolução Pernambucana, 1817;
 - Revolução do Porto, 1820.

- Os tratados assinados em 1810 entre Portugal e a Inglaterra foram benéficos aos ingleses. Confirme essa afirmação com dois exemplos.

- D. João, o príncipe regente, tomou medidas para modernizar o Rio de Janeiro. Dê exemplos dessa modernização:
 - no setor cultural;
 - na educação;
 - na saúde.

- Leia o documento abaixo e responda às questões que se seguem.

"Eu, a rainha, faço saber aos que este alvará (decreto) virem: que sendo-me presente o grande número de fábricas e de manufaturas que de alguns anos a esta parte se têm implantado em diferentes capitanias do Brasil, com grave prejuízo da lavoura e da exploração das terras minerais... hei de por bem ordenar que todas as fábricas, manufaturas... sejam extintas e abolidas em qualquer parte onde se acharem nos meus domínios do Brasil..."

Alvará de d. Maria I. 6-11-1765.

TRABALHANDO O PROCESSO HISTÓRICO

ANEXO 06- AVALIAÇÃO DA ESTAGIÁRIA, FEITA PELOS ALUNOS

Diário Santos

Na minha opinião, as melhores condições
administrativas para a administração
de uma empresa são, para explicar
bem e nos ajudar a entender bem
em relação às coisas, ela não
deixa ficar, não como eu não
entender os termos e coisas

(17/10)

As aulas da professora Aida foram ótimas e diferentes, com catálogos e vídeos. Os catálogos bem explicativos, diferentes das aulas dos professoras.

Mais não lia os textos que ela me dava por isso que não conseguir responder a avaliação que ela passou. Achei ótimas as aulas dela o fato dela explicar as coisas. A história dos antepassados é muito complicado de entender, mais conseguir entender alguma coisa.

(710)

Na minha opinião as aulas de professores
são sempre ótimas as aulas com exercícios
e assim como a aprendizagem foi melhor
de ter dado um bônus nas horas de
aula não tenho que questionar sobre a
opinião de dizer que eles e
como professores e que os senhores
também são nossos professores.

Nome: Isaiten Batista da Silva 1º ANO B

715

A professora é muito mais madura que a esposa, embora não
sejam, a professora dá os aulas bem interessantes com con-
teúdo, dinâmicas, etc a professora é 10

NOME: John da Silva Queiroz 1:3 MANHA

AVALIAÇÃO (HISTÓRIA)

(7/10)

Professora Juliana de Oliveira, um pouco
la usou, com redações do seu ensino seu
partida ~~com~~ as aulas de cartazes e um
boa explicação que ~~continua~~ o seu método
de ensino.

FIM

Aluno: Daniel & Marcos Santos N.º 8

(7715)

continua assim até o fim seu curso. Parabéns.

Aluska Rodrigues Laurindo

(810)

As aulas foram ótimas as cartazes foram bonitos e muito
interessantes mas gostei mais do vídeo a prova não estava
fácil só o terceiro não estava bom.

Gostei muito da sua pessoa do modo e ensinar gostei de
tudo menos da 3ª pergunta

Gostaria de assistir mais vídeos Sim gostei muito de você
como professora espero que fique mais alguns tempo com o 1º B

BEM APESAR DE TE CONHECE POR POUCAS AVIAS VÔCÊS
MOSTROU SER UMA BOA ESTAGIARIA. PORQUÊ EXPLICA COM CALMA
AS VEZES FICAVA INIRITADA QUANDO FICAMOS CONVERSANDO MAIS EXPLICA.
OUTRA VEZ PARA AGENTE PRESTA A ATENÇÃO COMO AQUILO, A DIFERENÇA
ÉRE A MOIXE L A RESSUREIÇÃO DO NILO.

AILSON DA SILVA

(810)

Professores.

Que VLAD adarei os seus aulas, por eles serem diferentes e muito divertidas. Em to muito professores da minha do que eu já tive admiração, VC foi uma deles, com o seu jeito, com o sua atitudes corajosa, foi D+ em to muito.

Nunca esqueço do VLAD, pois quando eu ser mais VC vai ter muito orgulho de ter me conhecido. Com muito beijo e tudo que não esqueci de bom eu me despedir, tenha muito sorte no seu trabalho, e muito, paciência, vai ter momentos em sua vida que vai ser muito difícil.

ASS: VLADIMIR

A professora, Lisa, durante três semanas me deu uma aula diferente, trazendo contos, vídeos, e textos interessantes. Ela trouxe mais informações sobre coisas como o ego, neuroplasticidade, etc... É uma pessoa super legal, tem uma forma diferente de ensinar, explicando cada aula e tirando as dúvidas do aluno. Com cada aula, ela se mostra interessada em ensinar, e a aprender. Tem um conhecimento cada vez mais vasto, desenvolvendo a minha sabedoria, e aumentando o meu interesse com relação a matéria.

A professora, como sempre ajudava, mas ela estava sempre tentando envolver a turma em suas aulas, fazendo perguntas sobre: qual a diferença e a semelhança entre o ego e a consciência? O aluno sempre tentava se envolver ao ponto de fazer perguntas não responderem. Com relação a progresso, ela é super legal e bastante eficiente.

Woz/03

Com este pequeno tempo em que ficamos com a professora Aida, podemos notar como ela vai ser uma excelente professora, sabe muito bem como compreender seus alunos e ensinar muito bem história.

Que pena que está chegando ao fim de seu estágio queria ficar mais um tempo com ela por gostar muito do trabalho de seu ensino.

(9.0)

Valer!

AIDA

Anne Francielli Inácio Sontes

nunca vamos te esquecer!

Rafael Guespi

(9.0)

Avulso

Eu gosto um pouco de aula tem contagens mais
eu gosto mais aula de história, a história
mas não tem muita prática não tem muitas regras
mas gosto de ser feito de história, mais não
gosto de ser feito por que tem muita letra.

Marcela de Araujo

(9,5)

As aulas de história teve algumas coisas um pouco ruins e boas.

Nas aulas com cartazes foi um pouco tediosa mas deu para entender alguma coisa, sendo que as aulas de história são difíceis de entender, porque eu acho história um pouco difícil.

Mas também a aula de vídeo foi muito boa, pois facilita muito o nosso aprendizado, porque tem o vídeo das aulas em que o professor não faz escrever e os alunos não aprendem quase nada.

Mas a professora se preocupa muito com o aprendizado dos alunos e sabe explicar muito bem.

foam letter

Gostei porque o Profenora deu o assunto muito rápido mas
para entender-lo todo mesmo assim. Sua aula nos é monótona

(9.5)

Na minha opinião, sua forma de dar aulas é muito interessante porque a cada aula vemos formas diferentes, ou seja, sua aula não é monótona.

É importante porque aprendemos de maneira diferente a cada explicação.

(10,0)

Junia Friger.

professora é legal e ensina muito bem mais eu não prestei atenção por isso acho que não fiz uma boa prova. Mas se eu tirar uma boa nota vou agradecer a professora, mas ela ensina muito bem foi a melhor estagiária explicou tão claramente que os outros que eu já tive o ano passado não explicava mais era o professor mas agora os dois tanto a professora quanto a estagiária explicam muito bem.

até agora eu não encontro nenhum defeito dos poucos
tempos que a senhora passou com agente de gastei
muito das suas aulas de cantazes e aulas de explicaçã
eja sempre assim continue com o seu bom
trabalho e sempre entregue aqui e uma ótima
aluna nunca desista do seu futuro. se continuar
assim aqui vai ser uma ótima professora.

Ana Paula Dias Arruda.

AVALIAÇÃO

Nome TRIAGO DE MORAIS

N: 35

ACHEI SUAS AULAS, MUITO BOAS PORTANTO QUERIA QUE
CONTINUASSE SEMPRE ASSIM, E ACHEI A SENHORA UMA
PROFE NOTA 100, ACHEI OS CARTAZES QUE A SENHORA Põe
AO QUADRO, E OUTRA COISA QUE EU GOSTEI NA SENHORA
E QUE A SENHORA NÃO TORIA MUITO, ISSO E MEU COMENTARIO
SOBRE A ESTABILIDADE DE HISTÓRIA

(315)

FIM

Bom Anos Aulas foram feitas principalmente em
aulas de contagem e eu participei muito pela mentoria.

É a mesma coisa muito amor, carinho, dedicação
e tudo de bom que resta nos nos poucos dias
de sua
Aluna

Amorla
Notinha

(5/9)

"Princesa Paula A Gomes"

As suas aulas são boas
e é uma ótima professora no
e muitas vezes eu não entendo
que a senhora falava sobre o
gito.

É a prova estava legal que a
senhora deu a respeito de alguns livros,
mas deveria ter sido melhor.

Quanto as aulas, eu acho muito boas, com cartazes em todos os detalhes e muito bem explicadas, uma aula bem diferente. Apesar de os assuntos serem bem complicados foram boas aulas eu gostei muito. Foram aulas bem debatidas, bem ~~debatidas~~ relaxantes pois as aulas com cartazes e muito bom porque presenças bem atentas na explicação do professor sem precisar de escrever.

Até o próximo!

Em 31-04-01

Professora na minha opinião, sua forma de dar aula é muito interessante, pois suas aulas são diferentes das aulas dos outros professores, pois queria que não fosse ~~apenas~~ apenas uma estátua, mais sim a mesma professora.



ASS: Teimanda da S. Araújo 4 1ºB

Wagner e Zor Alves

As aulas foram muito bom principalmente o uso dos
cartões e modo da professora avaliar todos os alunos

(60)

Yônatas Fitoza de Lima

Professora eu gostei muito das aulas da senhora
estive des cartazes gostei da sua forma de se expor-
tar, você é muito legal a senhora ensina a mim
tão parece terse mas parece que a senhora
é minha des de criança

Correio Malaguias dos Santos.

Propusera a minha opinião e que eu goste
muito de suas aulas porque são muito explicativas
também da aula de vídeo.

ALUNO PABLO DAVID DE SOUSA MARQUES

PROFESSORA A SENHORA FALA MUITO RÁPIDO, EU NÃO
ENTENDI MUITA COISA COM ESSES CARTÕES ERA
A SENHORA EXPLICAR MELHOR, MAIS A SENHORA É LEGAL,

"Ablação"

Prá mim as cartazes é uma boa sugestão, porque agente não precisa copiar muito e no mais as aulas continuam normais, resumindo as aulas não boas."

Rebertino

Disciplina => História

Nas aulas de História eu gostei bastante, porque através das fitas vestas nos aprendemos mais, porque só falando nos cansamos e vista no vídeo nos achamos melhor, também gostei sobre os assuntos que foram dado, através dos cartaz fica bom, a prova foi realmente fácil para quem estudou mais eu não estudei muito por isso tive um pouco de dificuldade mas na prova que tive vou estudar melhor, para saber responder melhor.

São essas palavras que tenho para falar sobre as aulas.

Trigo E Lina Tercera

Eu gostei das aulas por que a professora ensinou de
na forma diferente, trouxe uma coisa nova na
de historia, mas uma coisa não me agradou, foi
cartazes.